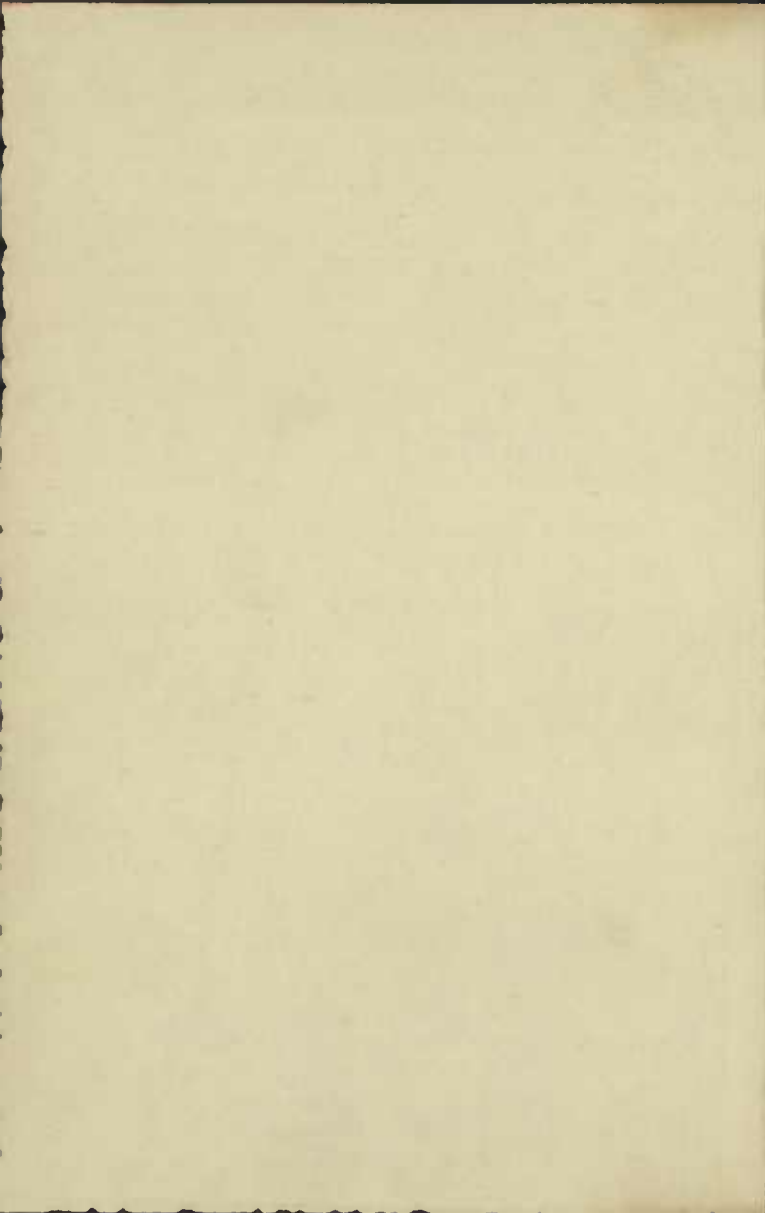


869.0

Rs

3708



O ARCO DE SANCT'ANNA.

Handwritten signature or initials in cursive script.

I.

0 ARCO DE ZWGLYNA

**O ARCO
DE SANCT'ANNA**

CHRONICA PORTUENSE.

**Manuscripto achado no convento dos Grillos
do Porto por um soldado do Corpo
Academico.**

I.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1845.

COMPRA

R. 171086

DE SANCTI ANNA

Res
3708



ACERTE

DE LIBRERIA NACIONAL

1843

AO LEITOR BENEVOLO.

ESTAMOS na era da renascença dos prefacios, das dedicatorias, e avisos ao leitor. Ésta cortezia antiga, que proscreveram as modas e modos republicanos do fim do seculo passado, voltou, inda bem ! como vai vol-

tando tudo o que merecia voltar, e muita coisa tambem que nem siquer nunca devia ter existido. Não é decerto d'estas últimas o prefacio cortez, a dedicatoria palaciana, amenos e appraziveis *rococós* tam innocentes no princípio de um livro, como no meio da sala a larga cadeira de espaldar alto e estôfo molle, a banca de pé torneado em spiral, ou qualquer d'essoutras mil bugiarias que a rotação dos caprichos humanos tornou a appetecer, fez desejada, e quasi consagrou em necessidade tam indispensavel como elegante.

Aqui te estou eu escrevendo a uma banca, amigo leitor, e sentado n'uma cadeira que, pelo menos, são do tempo dos Philippes... e seguro-te que não ha mais Jeal Portuguez que eu. Aqui tenho á roda da casa não sei quantas reliquias feudaes de todas as côres e datas...

e que me fallem a mim na restituição dos direitos bannaes, dos dizimos, ou siquer ao menos do voto de Sanctiago!

E todavia, confessemos a verdade: éstas modas de 'renascença', ésta paixão do gothico em litteratura e architectura, este horror ao classico, inspirado pela eschola romantica, tem, sim, tem ajudado mais do que se cuida, nas funestas tentativas de reacção e retrocésso social que, ha trinta annos a ésta parte, andam insaiando as oligarchias annans do nosso seculo para se substituirem ás gigantescas aristocracias dos tempos antigos.

É um pobre rapaz de calsa de xadrez, collête polka e bengalinha de cahoutchou que se sentou na sua cadeira *moyen-aye*, e sonhou que vinha da Palestina... elle chegou agora de San'Carlos.

É assim: mas foi assim que elles sonharam em França ha quinze annos. os restauradores; é assim que sonham em Portugal quinze annos depois; e assim é ainda tambem que em França, em Portugal e em toda a parte está sonhando acordada, mas querendo que nós sonhemos a dormir, a mais perigosa e perniciosa de todas as oligarchias, a ecclesiastica.

Mas como e em que tem corrido para isso a eschola romantica, a joven litteratura e a joven arte-renascença do nosso seculo?

Muito e por muitos modos; innocentemente, — porê m muito.

Walter Scott resuscitou a poesia dos tempos feudaes, e nos enthusias mou por ella; Lamartine fez-nos chorar sôbre as ruinas dos mosteiros; Victor Hugo fez-nos carpir

a soledade das nossas quasi abandonadas cathedraes. As artes do desenho accudiram ao reclamo da poesia e lhe prestaram todos os seus prestigios. Fez-se uma grande revolução, nos sentidos primeiro, depois nos sentimentos, depois nas opiniões. O feudalismo, que não inspirava senão horror ao homem do seculo dezenove, começou a excitar-lhe a admiração; o monachismo, que era abhorrecido e desprezado, obteve dó e compaixão. E atéqui a revolução era salutar: ganhava a tolerancia, ganhava a moral, ganhava a religião com ella; porque em verdade o philosophismo do seculo passado tinha derrancado tudo á fôrça de corrigir e apperfeiçoar.

A reacção, como ella se fez naturalmente, nos corações e nos animos, como a inspiraram os grandes poetas, — grandes prophetas e

grandes missionarios do seculo — era salutar e benefica. Mas os inyopes e pygmeus da oligarchia, exaggerando o elasterio verdadeiro, quizeram levá-la onde ella não póde ir, torcer-lhe a direcção e granjeá-la em sordido proveito de seus interêsses.

Eisaqui como os Jesnitas que-riam obscurantizar a França á sombra de Chateaubriand, o immortal defensor da liberdade da imprensa; eisaqui como alli vinha a lei dos morgados, como alli veio a lei do sacrilegio — e como ainda hoje, denovo, as pretensões clericas, por lá e por cá, por toda a parte vão levantando uma cabeça que ninguem diria senão que ésta gente vem dos antipodas — ou que são os ‘sette dormentes da Grecia’ que acordaram agora e não sabem o que por cá foi, n’este último seculo sôbre tudo.

Ora, a reacção poetica e religiosa — é uma so, e a mesma — é outra e mui differente do que a elles querem ou suppoem, os taes senhores: hãode-se ir desinganando. Mas emquanto se não desinganam, molestam e fatigam os povos com suas tentativas, desmoralizam a sociedade, atrasam a civilização, compromettem a causa da religião e a da humanidade.

E tudo isto, a maior parte d'isto pelo menos, fizemo-lo nós, sem querer, com a paixão do gothico: A arte môça, a poesia do seculo dezenove está responsavel para com duas gerações. A que nos precede, a que destruiu as obsoletas instituições de nossos maiores, accusa-nos de ingratição e inconstancia, queixa-se de que desacreditamos e deshonorámos a sua missão, de que sophismámos e annullámos os resultados d'ella. A geração que

vem atraz de nós hade-nos arguir altamente de havermos atrazado o progresso, de termos feito perigar a causa da humanidade.

- E ambas nos accusarão com justiça se, conhecido o abuso que de nossa innocencia querem fazer, não sairmos ja a protestar por ella, e nos não estremarmos com tempo dos falsos prophetas e dos falsos apóstolos que véem atraz de nós, lançando no sulco que nós abrimos e semeámos de bom trigo, o joio mau de suas pretensões e interêsses.

- A obra do espirito que se não confunda com a corrupção da materia!

- Do meio d'este lodo de utilitarios e agiotas em que patinha e chafurda o corpo da sociedade — o pensamento d'ella tende a ele-

var-se a Deus; ao ideal da verdade e da formosura eterna; ao sublime do Christianismo. É um facto; é um facto incontestavel. O altar está mais seguro do que nunca esteve: mas os seus ministros esperam em vão tornar a devorar a grossura da terra; muito mais ainda tornar a dominar a terra.

E os que mais trabalharam na reacção religiosa e poetica, mais obrigação têm agora de lh'o dizer a elles, e de fazer sentir aos povos ésta verdade. Poupar-se-ha muita fadiga inutil, muita desgraça — quem sabe se muito sangue tambem?

Quando ao cabo d'estas grandes considerações eu concluir que por isso vou publicar um romance, uma novella — que dirão os leves de cabeça e mais leves de lingua? *Parturient montes.* Pois dizem uma san-

dicé, uma necedade — em portuguez mais vulgar, mas não menos classico, uma tolice.

Com romances e com versos fez Chateaubriand, fez Walter Scott, fez Delamartine, fez Schiler, e fizeram os nossos tambem esse movimento reaccionario que hoje querem sophismar e grangear para si os prosistas e calculistas da oligarchia.

Com romances e com versos lhe havemos de desfazer pois o villão-artificio.

É sim, é por isto e para isto que hoje publico um romance, traçado e meo escripto ha dôze annos sob impressões e inspirações mui diversas. Então reflecti que a natureza do assumpto me havia de levar forçosamente onde eu não queria ir nem levar ninguem. Suspendi

a obra, e addiei a sua publicação para um termo que, agora confessarei com toda a lizura, nunca supuz que houvesse ser tam proximo. Inganei-me: o 'dia e a condicção' chegaram mais cedo do que ninguem os podia esperar.

Ha dôze annos, ha dez, ha cinco, ha tres, era inconveniente, era impolitico, não era generoso — que é peor ainda — recordar a memoria de D. Pedro Cru açoitando por suas mãos um mau bispo:

Derepente, em dous annos, a oligarchia ecclesiastica levantou a cabeça. Póde-se dizer d'elles o que em mui diverso sentido dizia o eloquente panegyrista dos primitivos christãos: 'São de *hontem* e ja invadem tudo, o palacio, a curia, o conselho do principe e as assembleias da nação.' Ja pretendem com uma exigencia, ja dispoem

com uma arrogancia!.. Ja, na imaginação, atizam as fogueiras do Rocio, e benzem a corda das forcas do campo de Sanct'Anna. E emquanto não chega esse dia de glória e de bençam, vão aconselhando e approvando quanta crueldade e perseguição podem contra os liberaes, contra os mesmos que suscitaram e dirigiram essa reacção de opinião, *sem a qual* nem reis nem papas lhes faziam suster nas mãos o baculo, e a purpura nos hombros.

Hoje não é ja so conveniente, é necessaria a recórdção d'aquelle severo exemplo da crua justiça real.

Hoje é util e proveitoso lembrar como os povos e os reis se uniram para debellar a aristocracia sacerdotal e feudal.

Não ha medo, repitto, que ella

volte; mas ha *certeza* que tenta voltar: e essa tentativa so por si, e so em si, é uma revolução terrível.

Eisaqui porque hoje se publica e depouco se concluiu o romance que aqui vai.

Grande parte d'elle foi escripto como ja disse, durante o cêrco do Porto. Começado a folgar, e sem mais dêsignio que o de interter o tempo e distrahir o espirito, converteu-se depois em coisa mais séria do que elle queria ser, por pouco que seja — e é. Recordações de infancia, saudades das primeiras pessoas que se conheceram na vida, amor aos primeiros objectos que se viram — aos primeiros campos em que se brincou, ás primeiras árvores que se viram florecer, ás primeiras aguas que se navegaram, ás ruas em que primeiro se an-

don — pintaram o fundo do quadro, os accessorios, o pouco bom que elle tera, se alguma tal coisa tiver.

Apêgo ás primeiras ideas historicas da meninice — que são sempre as adulteradas tradições populares da terra em que nascemos, resumbram talvez de sua côr, aqui alli anachronica, em um quadro que podia ser mais rigorosamente fiel á historia sem perder nenhum infeite do romance. Mas de tudo prescindirei eu, em tudo cederei á crítica, menos em lhe sacrificar isso que mais amo, e quasi unicamente amo ja, as lembranças de minha ditosa infancia e as doces recordações dos primeiros annos da casa paterna.

Ora eu nasci no Porto e criei-me em Gaia.

Fique porêm certo o leitor amigo

e benevolo que a verdade chamada historica, isto é, a dos livros, vai guardada e salva.

Quem sabe se essa verdade é mais verdade que a outra? Não importa.

Algumas palavras, muitas phrases, bastantes allusões não serão talvez perfeitamente entendidas senão pelo leitor portuense. Pensei explicá-las em notas, ou modificar o texto. Mas reflecti que, se adoptasse o primeiro modo, ficavam mais as notas que o texto; e que, se impregasse o segundo, ia descorar o meu quadro, agorentá-lo, tirar-lhe talvez o unico merito que elle tenha, o sabor forte e picante da localidade.

O coelho magro e de pouca vista que se cassa ás ribeiras do mar é delicioso no prato porque sabe ao

perrexil e outras hervas acres da
 salsugem da marinha em que elle
 se repasta. O coelho manso, criado
 no mais mimoso das verduras da
 horta, é bello á vista — comido
 cheira a gato, e não creio que
 saiba muito melhor.

Dezembro 14,
 1844.

O coelho manso e de boa vida
 que se cria de ribeira do mar é
 delicioso no frito porque sabe ao

hante que sempre me temham em conta
e é o modo de me honrar e de me
honrar.

Antes, meu commandante! As circumstancias
a quem desobediam e a quem se deu por in-
justicia e parcialidade. E os que me exalta-
nação de honra, sobre a qual se exalta a
do sei que a honra de um homem não se
gula, e não se pode honrar de outro modo.
O Conselho de guerra me deu a honra
mais, e não se pode honrar de outro modo.

AO ILLMO. SR. CORONEL

J. P. S. LUNA,

COMMANDANTE DO CORPO ACADEMICO

DURANTE O CÊRCO DO PORTO,

ETC. ETC. ETC.

Meu Commandante!

FÇA V. S. idea que, do fundo d'esta província d'onde lhe escrevo, me perfillo devida-
mente e faço a continencia militar, de que
ainda me não esqueci, apesar de que as or-
dens do dia d'hoje mandam esquecer todo o
serviço d'aquelle nosso tempo. Deixá-los!. Eu
ca não sou ingrato: e viva o meu comman-

dante que sempre nos tractou tam bem, e foi, e é, e hade ser um honrado soldado da Liberdade.

Ânimo, meu commandante! As preterições a quem deshonram é a quem as faz por injustiça e parcialidade. Diz que, em certa promoção de Roma, sendo ministro da guerra ou não sei que auctoridade grande um tal Caligula, sahiu consul um cavallo do ditto ministro. Consul, quer-me parecer que não sería mais, nem teria mais estrellas nas dragonas, do que brigadeiro, ou marechal-de-campo quando muito. Mas fosse como fosse: quem é que foi o preterido de véras n'aquelle acinte sem vergonha? Está claro que o auctor da promoção.

Pois eu, meu commandante, a esses consules que ahí andam aos coices por ésta nossa terra de Portugal, que V. S. e os outros bravos libertaram, para viver escravos n'ella, e senhores os taes meliantes que nada fizeram, senão forragear quanto poderam em quanto as mãos se batiam — a esses não quero eu, nem quiz nunca, por maiores que elles sejam, ou em taes se tenham, offerecer coisa minha... e mais, outro gallo me cantára se o fizera. Por isso dedico ésta obra ao meu commandante: e a minha pena é que ella não seja

tal que eternize o seu nome, e fique recordando a sua despremiada honra e modesta lealdade a todas as gerações que hão de vir, para perpétuo labeo d'estes expertalhões que nos comeram a isca etc. . .

Eu ja não sou tropa viva — nem morta siquer: tenho aqui umas couves gallegas que vou depennando para o caldo de todos os dias com que Deus ainda aeode á gente. Em a décima m'o levando . . . a décima, e o quinto, e o subsídio litterario (oh meu commandante, subsídio litterario para ésta gente que abhorrece e persegue as lettras!), e a camara municipal, e o administrador do concelho, e os injeitados, e a congrua do paroebo, e o cruzado para as estradas. . . paciencia, morrerrei aqui a um canto, mas não lhe heide pedir nada a elles: heide seguir o nobre exemplo do meu commandante.

Digo eu que ja não sou tropa nem nada. E não sou; vivo aqui n'esta aldea do nosso Minho que V. S. sabe, e é milagre quando por ea apparece um periodico. Mas oiço dizer ao barbeiro da terra, homem curioso de novidades e que as rapa e escanhoa muito melhor — novidades e barbas — do que o barbeiro dos Pobres do Porto, oiço-lhe contar que essa paizanada que tudo lo manda lá por Lisboa, diz que é que salvou a Carta, e que elles é que

são os defensores da Carta, e que a Carta para aqui e a Carta para alli . . . Ainda bem que eu lá não estou para tal ouvir, meu commandante, que me deitava a perder decerto . . .

Leva rumor, e á primeira fórma! Assim, que aqui está o livro, meu commandante. Escrevi-o estando ás ordens de V. S., que tantas vezes me dispensou do serviço da peça e do fuzil para me deixar rabiscar com a penna. Dizia V. S. que não era menos util o serviço que eu fazia . . . Creio que se enganou por bondade sua. Os que nem d'este nem d'outros serviços nunca fizeram, ou o fizeram como os seus narizes, ou se pagaram logo d'elle por suas mãos, ahí andam fartos e honrados . . . e eu como as minhas berças.

Pois o livro, não o offerecia a nenhum conde, nem duque, nem secretario d'estado . . . Eu sim! Muito mais alto que isso me quizeram fazer pendurar uma dedicatoria . . . E eu, nada: meia volta á direita, e marcha para o caldo d'unto da saneta independencia. Offereço-lh'o, meu commandante, porque sou

De V. S.

Camarada e amigo,

Um fraco mas

Fiel soldado da patria

O N.º 72.

contas de delicias e amores, as d'ellas
que hade tender e as guerrilhas que hade
opular, — e mais que tudo, as historias
que sobre isso se hade contar à noite no
repositorio dos Grilles — hoje, oh imper-
davel! convertido em casa de triphido e
paraluz de ramos e tubos —

O ARCO DE SANCT'ANNA.

ho, por que ventavao p'raes historicos
vai passando sem os conhecer, que inte-
ressantissima seer — e a é essa em
que, depois de tantos seculos, novo e não
menos interessante aora, lhe coube vi-

CAPITULO I.

Palha-te, e torbado, o nome e historica
tua de **O ARCO DA SANCTA.** e de tua
respiração e de todo arco, precioso monu-

MAL pensa o voluntario academico, quando
descendo rua de Sanct'anna abaixo, o braço
no' armão da peça, e os olhos na alta ja-
nella d'ondé, entre o festivo azul e bran-
co, lhe surri constitucional beldade; e elle
vai misturando, no alvoraçado pensamento,

conquistas bellicas e amorosas, as damas que hade render e as guerrilhas que hade espatifar, — e mais que tudo, as historias que sôbre isso se hão de contar á noite no refeitorio dos Grillos — hoje, oh impiedade! convertido em casa de tripúdio e bambochata de maganos estudantes — mal pensa elle que terreno classico vai pisando, por que veneraveis padrões historicos vai passando sem os conhecer, que interessantissima scena romantica é essa em que, depois de tantos seculos, novo e não menos interessante actor, lhe coube vir figurar.

Falta-te, é verdade, ó nobre e historica rua de Sanct'Anna, falta-te ja aquelle teu respeitavel e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados, o que, certo é, mais te vedava a pouca luz do ceo 'material' que tuas angustas dimensões deixam penetrar, mas era, elle em si mesmo, focco da espirital luz de devoção que ardia no bemditto nicho consagrado á gloriosa sancta do teu nome.

« Cabiste pois tu, ó arco de Sanct'Anna, como, em nossos tristes e minguados dias, vai cahindo quanto ha nobre e antigo ás mãos de innovadores plebeus, para quem nobiliarchias são chymeras, e os veneraveis characteres heraldicos de rei-d'armas-Portugal lingua morta e esquecida que nossa ignorancia despreza, hyeroglyphicos da terra dos Pharaós antes de descoberta a inscripção de Damietta! — Assentaram os miseraveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de immundicie menos, em rua ja de si tam escura e mal inchuta, era preferivel á conservação d'aquelle monumento em todos os sentidos respeitavel!

Com que 'desappontamento' d'este meu coração, depois de tantos annos de ausencia, não andei eu procurando, em vão!.. na rua de Sanct'Anna, uma das primeiras que a minha infancia conheceu, as gothicas feições d'aquelle arco?.. e a alampada que lhe ardia contínua, e os milagres de cera que lhe pendiam á roda, e

toda aquella associação de coisas que me trazia á memoria os felizes dias de minha descuidada meninice! — Meninice que passou, sem mocidade, a ésta tam trabalhosa, tam arida, tam despegada virilidade, em que não tardam as cans e as rugas a visitar-me com mais precoce velhice ainda!

Ai, rua de Sanct'Anna, rua de Sanct'Anna! qu' é do teu arco e da tua festa, quando se lhe armava aquelle palanque com que ficava uma igreja improvisada, e um choreto e um pulpito, aonde grasnava a musica, berrava o frade, e toda a vizinhança tinha um dia de folgar?.. E muito se rezava e muito se namorava e muito se comia, e todos iam para o ceu. — Ora que o façam hoje!

Foi o célebre fracasso de José U. que acabou com a devota festa e com o meu querido arco tambem.

José U, para illustração da presente historia seja ditto, era um curioso figurão.

da minha terra, uma das notabilidades, — como se dizia em França, e hoje por cá se diz também já nos botequins — uma das notabilidades d'esta muito nobre e sempre leal cidade. Insigne mestre de capella, trazia arrematadas todas as festas e oragões menores do Porto e seus suburbios, sem exceptuar os tres San'Joões rivaes; a saber, San'João o velho ou o republicano, de Cedofeita, — San'João o malhado, da Lapa — San'João o realista, do Bomfim. Com-efeito, San'João que da fama de pedreiro se não livra!.. não me faltava ver mais nada.

Era o sr. José U homem bem apessoado, e de tal capacidade e rotundidade nas fórmãs posteriores, que, por elegante e popular metonymia, lhe chamaram a parte pelo todo, e foi apellidado José U, ou José outra coisa que a gravidade da minha historia me não deixa pôr aqui mais clara. Andava, entre outras, de immemorial

posse, na sua correição e jurisdição harmonica, a parte musica instrumental e vocal da festa de Sanct'Anna do arco. Corria o anno 182... , chegou o dia da sancta, armou-se o palanque, treparam os menestreis ao choreto, sahiram os padres detraz d'uma janella, principiou a missa cantada; sóbe garraio capucho ao pulpito, começa José U com a sua gente o moteto de rigor... e eis senão quando, o travejamento de toda aquella caranguejola que dá de si, rende, casca — e zaz por alli abaixo desanda tudo á rua. José U com o rôllo de solfa na mão — o sceptro, o bastão de general Colchea! — cai com todo o pêso do seu nome n'um rebecão ja estatelado.

Foram dentro com tremendo som os tampos do bojudo instrumento; e foi tremendo o diapasão que no violento contacto se fez...

Em tal estado e posição ficou o bém-aventurado, que, á primeira sensação de desgosto e terror geral, succedeu o riso

e turbulenta cachinada. Acabou-se a festa da sancta, poupou-se ao capucho muita berraria e muita sandice, e os festeiros jantaram mais cedo.

E assim terminou a última funcção da senhora Sanct'Anna do arco. E o arco foi demolido d'ahi a pouco tempo para minha eterna saudade e de todos os amadores e veneradores de arcos antigos e de similiahantes preciosidades.

Fôra fatidica, fôra fatal ao bemditto arco a agoireira quêda de José U!

A CONVERSA DAS VIZINHAS

Para não esquecermos a esta occasião d'uma fatal acontecimento, diz-se que o arco de Sanct'Anna destinou-se a propósito logar de residência de algum nobre e de alguma nobreza que se queria, e que, ali, com a sua esposa, habitava, de paz e de harmonia, até ao

na historia reservada de reverendo Prior
dos d'elles a quem seus parcos não ter
deixado na sua villa, quando seguiu, nem
uma coiza de doce, nem uma garrina de
vindo-potado, nem polsica de nenhuma
especie, e das que eram de esperar a's
quelles d'aroto apozente, e que bem conta-
vamos n'elles os pobres estudantes
quanto alli chegamos mortos de sede e de
cansaço. Por minha, bem contente si quei
com esta unica parte do escripto que me
contou, e — salvo o doce, que a esse não
perdoava eu — não tomava outra, e parava
a logeja.

CAPITULO II.

que não sei se ainda he vigente e vivo, mas
conheço muita gente que viu a hora e
anos

A CONVERSA DAS VIZINHAS.

ahinhada! he, se, por leis de guerra, não
estava em boa posse do que assim hon-

Pois bons quinhentos annos antes d'este
fatal acontecimento, fôra esse arco de San-
ct'Anna testemunha e proprio logar de sce-
na, da interessantissima historia que vou
relatar, e que extrahi, com escrupulosa
fidelidade, do precioso manuscripto achado

na livraria reservada do reverendo Prior dos Grillos, a quem Deus perdoe não ter deixado na sua cella, quando fugiu, nem uma caixa de doce, nem uma garrafa de vinho potavel, nem golosice de nenhuma especie, das que eram de esperar n'aquelle devoto aposento, e que bem contavamos achar n'elle os pobres estudantes quando alli chegámos mortos de sêde e de cançasso. Por mim, bem contente fiquei com ésta unica parte do espolio que me coube, e — salvo o doce, que a esse não perdoava eu — não tomaria outra, apesar da legislação e práctica então vigente, e que não sei se ainda hoje vige e viça, mas conheço muita gente que viçou, floreu e fructificou por ella e com ella. — Vamos adiante! Eu, se, por leis de guerra, não estou em boa posse do que assim houve e hoje dou por meu na presente chtonica, sincera e publicamente me accuso, e farei plena restituição a quem competter. Não é costume entre os nossos irmãos escrevedores de historias, contos e semelhantes; mas não importa: in oratione ob obabilebil

Seriam dez horas da noite, horas mortas para aquellas boas eras em que nossos temporãos avoengos jantavam de dia ás dez para as onze, e ceavam quasi com dia, ao pôr do sol. A noite era de luar, mas o estreito da rua e a proximidade das muralhas da cidade, que então corriam pouco além d'aquellas immediações, mal deixavam penetrar um baço reflexo de seu clarão pela obscuridade permanente. Apenas a alampada do arco dava tenue e raro vislumbre de claridade, tam frouxo e tibio que mal indicava o sítio em que jazia, mas em nada quebrava as trevas circumstantes. Era a éstas horas e n'este logar, que d'uma gelosia á esquerda do arco surdiu uma voz baixa e como de quem teme e deseja ao mesmo tempo que a oíçam. Dizia a voz: — 'Anninhas, mana, Anninhas! . . . — Menina, mana, ouves? Sou eu: ouves? — Cada uma d'estas palavras era ditta com grandes intervallos uma da outra, e eres-

cendo progressivamente de tom, por modo que a última já se devia de ouvir sem dificuldade em pequena distancia. Mas, se alguém ouviu, ninguém respondeu. Seguiu-se um bom minuto de silencio.

Logo, da mesma gelosia d'onde pareceu sahir a voz, sahiu tambem ãa mãosinha delicada e alva que, de tam alva, resplandeceu com a pequena luz da alampada que toda reflectia sôbre ella. A mãosinha hatteu mansinho nos vidros do arco, repetindo outra vez: — 'Anninhas, psiu! ouves?' Não tardou a escutar-se o pé-ante-pé de quem acudia áquelle chamado; foi um vulto escuro e, ao parecer, feminino, que, pelo postigo que da casa fronteira abria para o interior do arco, entrou d'aquelle modo cauteloso e surrateiro. Incaminhou-se até ao extremo canto opposto, onde o arco pegava com as casas da esquerda, e

réz-véz com a janella d'onde surdára a primeira voz.

Sentiu-se então algum rumor debaixo do arco, e um murmurar de voz masculina que dizia: — ' Bem digo eu que a môça é um anjo! É a sancta que lhe veio fallar: querem ver?'

— ' Mana, mana! ' exclamou de cima do arco o vulto que ahi tinha apparecido: ' não ouviste uma voz de homem aqui por baixo?'

— ' Não. E, d'aqui onde eu estou, até lhe veria a sombrá, se ahi estivesse alguem. Não tenhas medo: toda a vizinhança dorme ja; é, a não ser o bispo ou Pêro-Cão, não creio que ninguem mais vele em toda a cidade.'

— ' Logo te lembraram esses phariseus... Que Sancto Antonio os confunda, mais a senhora Sanct'Anna!'

— ‘Amen! E justiça d’elrei D. Pedro que sôbre elles caia!’

— ‘Ai Gertrudinhas! que se Deus e seus sanetos me não vallem, não sei que será de mim. Justiça d’elrei D. Pedro, dizes tu. E d’onde hade ella vir a ésta terra ondê nem rei nem povo nunca poderam nada contra seus tyrannos e oppresores... Elrei, filha, tam lônge, e tam fóra de eu nunca o podêr ver... E os meus inimigos tam poderosos e tam perto... Elrei D. Pedro! O caso que elles fazem d’elle, e o que lh’a elles importa com sua justiça e suas leis! Elles sim!.. Que n’esta cidade mais reis são elles que nenhum rei: dizem os traidores; e dizem-n’o, e fazem-n’o; e que outro rei farão, em vez d’elle, se lh’ê não catár seus privilegios, como já fizeram ao bisavô que se chamava...’

— ‘Ao irmão de seu bisavô, queres dizer; elrei D. Sancho.’

— ‘Pois sim, será; que d’isso nada sei;

nêmsou lida e sabida como tu... Tam-
bem não tenho tio physico que traz anel
no dedo e gualdrapa na mula, e anda atraz
dielrei c'os alforçes cheios de drogas. Ca
eu, sou uma pobre mulher de um ouri-
ves, que não sei senão governar a minha
casa, deitar as minhas teias...
!o— 'E ser o exemplo das mulheres hon-
radas: Que assim foram todas, e ja estes
clerigós de má morte, mais estes frades
trapaceiros não fariam o que fazem.
A resposta de Gertrudes produziu o seu
effeito, abrandando o tom picaço que vi-
sivelmente transparecia na falla antece-
dente; da que, ja agora claro se ve, era a
sua íntima amiga, a boa Anna, Annica,
ou *Aninhas*, como della, pelo ingraçado
diminutivo minhoto, lhe chamava.

Tornou-lhe a sincera Anna com a pri-
meira suavidade e mávioso accento:
— 'Minha querida Gertrudinhas, olha

que t'ó digo hoje aqui, na presença da
senhora Sanct' Anna! que nos ouve... E
eu que lhe accendo todos os dias a sua
alampada, que é legado de meu pae, que
bem ditto o deixou no seu testamento,
'que antes faltasse o unto no caldo de sua
'filha unica, do que o azeite na alampada
'do arco da sancta.' E assim ve lá se
eu lh'a accenderei todos os dias ou não!
E quando eu estou doente, é meu mari-
do... Coitado! o que será feito d'elle?
quem n'ó mandou ir lá para Lisboa, atrô-
co de arrecadar essas dividas que Deus
sabe se elle nunca as havêrá? Mas para
lá foi, e por lá anda; e, com mal um
anno de casada, eu caifiquei so, com o
meu Fernando, que ja diz 'Pae', a pobre
criança!... Mas nunca o pae lh'ó ouviu
dizer, nem Deus sabe se ouvirá! Diz-
me ca uma coisa negra no coração que
não...'

— 40 —
E as lagrymas, fio a fio, a correr pelas
faces da pobre noiva, que mais interes-
sante e linda a faziam. —

E deve saber o leitor que ella era linda; como eu seguramente creio, e em poucas linhas se verá porquê.

As lagrymas porém da boa Anna, com serem mui sentidas e sinceras, não lhe interromperam o discurso nem por meio segundo: continuou logo:

— ‘Sim, sim; e bem n’o digo eu. Tenho coisa ca dentro que me agoira grande mal a mim e aos meus: e não me vem senão d’aquelle bispo, que é a perdição e ruina d’esta cidade, e mais os seus conegos.’

— ‘E mette na conta o reverendo padre Fr. João, mais as suas beatas. Mas não hade ser assim, Anninhas, que Deus nos hade accudir, e a justiça d’elrei D. Pedro.’

— ‘E d’onde hade ella vir, menina? Não sabes que desde o interdicto grande e das excommunhões que houve n’esta terra por causa do alvorôto do povo contra a

tyrannia do bispo D. Pedro, e que depois se accordou tudo com elrei e o papa, nunca mais as justiças d'elrei se quizeram metter com a nossa terra, nem catar-nos forros, nem ser por nós, e nos deixaram á mercê do bispo e da sua gente? Como hade elrei D. Pedro agora?..'

— 'Sei tudo isso, sei; mas olha que hade vir quando elles menos o esperarem, com aquella espada na sua real mão, que Deus temperou para destruição de tyranos e avexadores do povo.'

— 'Que cedo faça Deus esse milagre, Gertrudinhas. Senão, mal estou; que ainda hoje aqui veio o almudeiro do bispo, aquelle esconjurado leva-e-traz, que de manham rouba o povo na casinha da portagem e de tarde faz o officio do demonio tentador, a desinquietar quanta rapariga e mulher honesta tem o Porto...'

— 'Para serviço e augmento da egreja de Deus!.. dizem elles.'

— ‘Não, filha, quem tal bispo nos deu... também!’

— ‘Foi elrei defuncto que ca o pôs. No fim da sua vida faziam d’elle quanto queriam, principalmente frades e clerigos e gente de guerra, a quem parece que Deus deu este reino por seu... Deus não, que é peccado tal dizer: deu-lh’o o demo por nossas culpas. Mas que te disse o almudeiro?’

— ‘Esconjurado seja elle! veio com os mesmos recados do costume: ‘Que tivesse ‘eu mais juizo e prudencia; que fosse ‘onde me diziam, ou desse hora em que ‘o bispo ca viesse; que não escorraçasse ‘a fortuna que á porta me batia... Que ‘meu marido, se eu teimasse, nunca mais ‘o veria; que nas covas dos paços da sé ‘m’o haviam de interrar vivo, d’onde sol ‘nem lua veria, e pão e agua comeria, ‘como um forçado das gallés d’elrei.’ E trazia-me presentes de ricas pedras e oiro fino que me lançou no regaço, e teimou tanto até que...’

— ‘Até o quê, menina?..’

— ‘Que lh’as arremecei á cara com quanta fôrça tinha. E bem arranhada lhe ficou: inda bem!’

— ‘E o ladrão do alnudeiro?..’

— ‘Fez-se negro de raiva com o insulto: e, sem dizer palavra, começou a ajuntar o que estava pelo chão, perolas, oiro... joias bem lindas eram ellas! e metteu tudo nos golpes do saio, e foi-se sem mais Deus-te-salvê do que um sumido *Tu m’o pagarás*, que ia rosnaudo pela escada abaixo.’

— ‘Tens razão para ter medo; agora o vejo eu: mas ainda lhe havemos de dar remedio.’

— ‘Quem?’

— ‘Eu... nós, se Deus quizer; nós e a nossa boa fortuna.’

— ‘Nós! Tu com dezasseis annos e eu com vinte, teu tio na côrte, meu marido em Lisboa, que havemos nós de fazer, mulheres, sos e sem ninguem?’

— ‘Sem ninguem!’

— ‘Sem ninguem não, que aqui tenho a minha madrinha e padroeira, a minha senhora Sanct’Anna!’

— ‘E eu o meu Vasco, que hade fazer o milagre sem ser sancto.’

— ‘O teu Vasco! que se hade elle atrever contra o bispo cujo é?’

— ‘Do bispo elle! como eu sou do mouro de Granada. É estudante, mas não quer ser clérigo; e, em tendo idade que lhe não possa pegar o tio, hade ir para Salamanca.’

— ‘As covas de Salamanca! Appello eu, filha! bruxo queres o môço?’

— ‘Bruxo! que bruxo é meu tio, que tantos annos lá esteve, e sahio curando de toda a molestia e enfermidades com suas drogas e mezinhas? que por isso anda na cõrte com elrei D. Pedro que Deus guarde, e nunca d’aopé de si fóra o quer, que outro physico o não tracta!’

— ‘E que hade fazer o teu Vasco no meu appertado caso?’

— ‘Hade partir logo para aonde está elrei D. Pedro, e dar-lhe de tudo parte, que nos valha com sua justiça, e venha açoitár este malvado bispo, e inforçar os seus conegos, os seus frades e portageiros.’

— ‘Bem simples sou eu; mais, não sou tam simples como tu, Gertrudes. Com que elrei D. Pedro hade attender a duas pobres raparigas, e sôbre tudo a uma do povo como eu, para castigar fidalgos e senhores que todo lo podem, e sempre, desde que ha sempre, fizeram o que quizeram?’

E clérigos então! Se eu tal via na nossa terra, dizia que andava o mundo ás aveças.'

— 'Pois hasde ver, hasde ver!' — replicou a entusiasta Gertrudes, com um accento que nem a mais exaltada malhada ou septembrista dos nossos dias saberia imitar — com uma firmeza e confiança que a fariam admittir sem mais próvas na republica de... em qualquer das republicas com que nos mimoseia de vez em quando a Policia para maior glória sua e descanso nosso.'

— 'Hasde ver', disse ella, 'e antes de muito; que ainda ha Deus no ceo, e justiça na terra; nem hade clamar em vão tanto sangue que brada d'esses patibulos, tanto suspiro que sobe á presença divina d'esses calabouços, tanta lagryma que se chora por essa terra com as violencias e maldades dos nossos algozes. Hasde ver elrei D. Pedro n'esta cidade, e os malvados a tremer e a fugir diante d'elle:

mas sem lhes valer fugir, que os hade alcançar a espada de sua justiça.

— ‘São capazes de lhe resistir, filha, de lhe negar a obediencia que lhe devem, de se levantar contra elle, e desnegá-lo de seu rei e senhor que é.’

— ‘São, são; e de o excommungar tambem, e apellidá-lo de herege ou mou-ro, como ja fizeram a seu pae, e a seu bisavô. Mas tanto peor para elles, que mais cru será Pedro Cru com quem assim o offender.’

— ‘Mas dizem que é tam brando e generoso, tam facil de perdoar a traidores!’

— ‘É sim, é; mas quem perdoa tambem cansa; e elle ja tem cansado muitas vezes, nem hade esperar agora para mais cansar.’

— ‘Deus te ouvira, querida Gertru-

des; que eu muito medo tenho de ir parar ás covas dos paços do bispo, e nunca mais...'

— 'Não hasde, não. E agora vai-te deitar, Anninhas, que é tarde. Amanhã saberás boas novas, e que não dormi no teu caso.'

— 'Adeus, Gertrudes, adeus, querida vizinha! Deus te pague as consolações que me dás: que ja tinha morrido de puro desalento sem ti, ou algum mau anjo me tentaria a perder-me... Mas isso não! isso nem sem ti. Adeus!'

— 'Adeus!'

E, pelo mesmo modo e caminho por que viera, se retirou a sincera Anninhas para o interior de sua casa.

Gertrudes, apenas a viu entrar, tirou um lenço branco e acenou com elle para debaixo do arco.

... por as costas das faldas do bispo, e nunca
mais...

... não sabe, mas a noite
deitou. Aconteceu, que a tarde, Amanda
sabrera foz nozes, e que não deviam no
ter caso.

... Amanda, Gertrudes, e sua, viram
vendo! Mas se pôde as condições das
me dize: que se fizesse morrido de puro
desalento sem si, ou algum marujo me
tentaria a perder-me... Mas não não!
isso não sem si. Amém!

... Amém! que se fizesse morrido
de puro desalento sem si, ou algum marujo me
tentaria a perder-me... Mas não não!

... pelo mesmo modo a caminho por
que vier, se refugio a alguma Amélia
para o interior de sua casa.

Gertrudes, aparece a sua entera, e
mas não houve o mesmo com elle para
delicias do siel.

— 'Dorme teu pai? Temos ainda um instante para falar?'

— 'Temos; e precisamos muito. Ou viste a minha conversa com Amalbas?'

— 'Ouvir?'

— 'Pois vai-te; e corre a bom correr. Não comas nem bebás, nem tua cabeça doencases, até chegares a este Sr. Pedro e lhe dizeses o apêto em que estamos. Falia com meu tio; por elle chegarás logo a este. E vê, mas uma falla

CAPITULO III.

o SENHOR ESTUDANTE.

— 'GERTRUDES! — disse uma voz de homem mal reluziu nas trevas o lenço branco da linda entusiasta.

— 'Vasco! — lhe responderam da gelosia.

— ‘Dorme teu pae? Temos ainda um instante para fallar?’

— ‘Temos; e precisâmos muito. Ouviste a minha conversa com Anninhas?’

— ‘Ouvi.’

— ‘Pois vai-te; e corre a bom correr. Não comas nem bebas, nem tua cabeça descances, até chegares a elrei D. Pedro e lhe dizeres o appêto em que estamos. Falla com meu tio: por elle chegarás logo a elrei. E vai-te, que nem mais uma falla te quero ouvir.’

— ‘Gertrudes, Gertrudinhas, pois assim com esse despêgo e desamor! Ha tres dias que te não vejo, e ha boas tres horas que aqui estou ao relento a esperar que essa interminavel conferencia acabasse...’

— ‘E nunca mais me verás se ja, ja não partes.’

— ‘Vou, vou; e custe o que custar,
morra eu na imprêza, que lá diz a cópla:’

Morrer por mi dama,
Morrer, morrerei;
Que viver sem ella
Eu viver não sei.’

— ‘Boa escolheste a hora para versos
e coplas, estudante!’

— ‘Estudante, estudante,
Que ponte é aquella?
Minha dama bella

Por ella

Passeia;

E eu, longe d’ella,

Mé estou mofinando

N’estes livros velhos,

Velhos, relhos.

Que os leam francelhos,

Trebelhos;

Não eu que me morro, que me estou finando,

Finando!

Finando e matando

Por quem de meu mal, meu mal vai zombando.’

— ‘Ora acabastê de cantar? (á parte)
E que linda voz que elle tem! (alto)

Em má hora acabaste? Pois, yai já e corre.

— ‘Corro, corro; assim não corresse commigo a pena de te ver cada dia mais ingrata e desabrida,’

— ‘Requebros? Boa estou para tal!’

— ‘Não estás, não. A quem o dizes?.. O diacho é a môça. Não ha senão obedecer-lhe...’

Foi rosnando, e foi subindo rua acima, andando e olhando para traz, até que sentiu fechar-se a gelosia. Parou, afirmou-se, e dizendo — ‘Foi-se de véras’ — começou a caminhar mais depressa.

— ‘O diacho é a môça!’ — continuou depois o nosso estudante, como quem atava, em soliloquio, o dialogo interrompido. — ‘Com aquella carinha de alfenim, aquella figurinha de alcorse, tem uma alma, um coração n’aquelle peito, que se

fosse mister de uma Judith... Mas cabeças de bispos não se cortam como as de capitães e generaes de exercitos. E então sua Reverencia que toma umas cautellas, e põe taes vigias em seus paços namorados, que se a metade tivera o pobre lapuz de Holofernes, nunca a judia o mandava em peccado mortal para o outro mundo. Mas deixemo'-nos de graças, e vamos ao que é serio. Em boa estou eu mettido. Se D. Pedro não é o homem que dizem, atrôco de uma môça de mais, cedo me vejo com uma cabeça de menos. *Quid nunc*, Sr. estudante? Uma môça de mais, disse eu!.. Gertrudes não é das que se contam assim n'um rol de fieira em que muita gente entra. Se ha filha de Eva por quem descendente de Adão deva arriscar a vida, é a minha Gertrudes. E o odio que eu tenho áquelle maroto de Pero-Cão, e áquelle hypocrita d'aquelle bispo!.. Estou resolvido. A elles!

E com esta boa folha,

Por minha dama lo juro,

Que não fica moiro vivo
em omo Nem alcaide n'esse muro.

Mude moiro em bispo, e fica certa a co-
pla por mais que me digam.

Dizendo isto; e tirando meia espada,
como para ver se a tinha prompta e cor-
redia na bainha, foi apressando o passo,
no trepar em que ia pelas empinadas ruas
d'aquelle ingreme bairro, que a essa hora
ainda estavam solitárias e quèdas como o
resto da cidade.

Deixá-lo seguir seu caminho; e trans-
portemo'-nos nós, amigo leitor, para mui
diverso, pôsto que não mui apartado lugar.
Façamos, com a rapidez com que em um
theatro britannico se faz, a nossa mutação
de scenã; e deixar gemer as unidades de
Aristoteles, que ninguem d'esta vez lhe
acode.

Vamos, d'aqui da beira do rio, d'onde
te estou escrevendo, leitor benevolo, va-

mos pelas Cingostas acima, nome que (em parenthesis seja ditto) bem pouco tem de poetico e romantico. Passemos o veneravel San' Crispim que tam solemnemente desmentiu o ditto do pagão Horacio — *ne sutor ultra crepidam* —, e incommendando-nos de passagem á sua benta e milagrosa sovella, deixando á direita as hortas em que seculos depois se abriu a bella rua nova de San' João — tornemos a passar pelo nosso primeiro logar da scena, saudemos, de memoria, a devota alampada que ardia no milagroso arco, e tomemos Banharia acima.

— Ca estamos juncto á veneranda estátua do velho Porto que, rodeado de assopradadas tripas, olha, como de proprio throno, para sôbre os dominios de sua jurisdicção. Não tinha ainda, n'aquelle tempo, iconoclastica broxa ousado assarapantar de vulgar e rabugenta oca, nem arrebicar de crasso vermelhão aquelle primor do cinsel portuense, que então resplandecia em toda a nitidez do primitivo granito. Commet-

tamos pois o desculpavel anachronismo, se o é, de saudar o respeitavel emblema da nossa illustre cidade, e vamos direitinhos, sem mais cumprimento nem misura, aos paços da Sé, ou paço do bispo, como hoje se diz e talvez então se dissesse ja. Creio que dizia. O precioso manuscripto, d'onde tiro ésta verdadeira historia, le 'paços do bispo': na sua se va como elle quer.

E bem podéra eu agora, amigo leitor, fazer-te aqui pomposa resenha dos pergaminhos que revolvi no cartorio da nossa camara, do *censual* do cabido cuja lettra quadrada solettei, e dar-te mil outras próvas de facil erudição com que te secaria de morte, sem nenhum proveito meu nem teu, e o que mais é, da nossa historia. Contenta-te pois, assim como eu me contento, com a auctoridade irrefragavel do nosso manuscripto dos Grillos, que é tam authentico como qualquer outro manuscripto. E que se livre alguém de o atacar, porque ja temos apalavradas para uma tremenda defesa as eruditas columnas de

tres jornaes litterarios que ninguem le, e de outros tantos jornaes politicos que todos lem — todos os que os pagam.

Que não era o paço do bispo do Porto no tempo d'elrei D. Pedro em que isto se passa, o que hoje é no tempo do duque D. Pedro em que se conta, ja o leitor está esperando ouvir. E mais esperará elle de certo, que é uma descripção, em todas as regras d'arte, do palacio como elle era, com uma sapiente dissertação sôbre os diversos generos de architectura gothica, a algum dos quaes forçosamente havia de pertencer — que é gothico por fôrça todo o palacio de romance ou novella antiga — inda que o construissem os Abencerrages de Granada ou elrei Almansor de Villanova. Mais uma questão incidente sôbre o flórido e o mixto, e o cannellado das columnas, o lavrado e laçaria dos capiteis, e outras coisas de equal interêsse e aproveitamento...

Mas frustrada, por não dizer *desappon-*

tada, ja que tanto m'o criticam, ficará a esperança do amavel leitor; porque eu, sem reparar na architectura do paço episcopal, vou entrando por elle dentro, tam sem cerimonia e com tanta pressa como por elle fôra sahiu o outro dia o pobre bispo João, a quem saudades dos seus livros matarão decerto... Coitado do pobre velho! E coitados dos pobres livros!...

Contentando-me pois de dizer que a residencia pontifical da Séde portugallense ainda conservava importantes restos da antiga fortaleza sueva que ja fôra, e que bem lhe cumpria aos bispos manter pelo estado de guerra em que ha tantos annos andavam com o povo da sua boa cidade, subamos a escada, entremos na sala vaga ou sala dos homens d'armas... espreitemos áquella porta d'onde se ouve um rumor de vozes abafado e indistincto.

CAPITULO IV.

OS PAÇOS DO BISPO.

A PORTA é no fim da camara, uma tremenda porta de castanho ja quasi negro e defumado, toda repregada de cravos de ferro de cabeça pontaguda, que a ouriçam como de espinhos, e lhe dão um aspecto melancholico e terrivel. E mais terrivel a faz ainda a athletica figura de um homem de armas que, a está guardando de mor-

rião na cabeça, e na mão a meia lança que diziam ascuma.

Por sôbre uns bancos rudamente lavrados de sculptura sueva, ou mais barbara ainda, se é possível conceber coisa mais barbara, jazem meio dormidos, meio sopitos da pesada fadiga da ociosidade, os benemeritos defensores do throno e do altar... d'esse tempo — que são os mesmos d'agora — as saias pretas do *prete* ou padre, e os vermelhos saios do *saião-soldado*. Mais, um ou dous frades garraios cuja pouca importancia os não deixava passar da antecamara episcopal, e cuja estada alli denotava o que hoje denota a presença de uma ordenança em qualquer antecamara ou portão; isto é, que se acha dentro a importante personagem a quem está de ordens.

Rumor de passos á entrada... Quem será? É o nosso proprio estudante de inda agora. Por aqui elle a éstas horas! Vejamos o que faz.

De uma vista de olhos, Vasco percorreu todo o largo apposento; e, como quem tri-lhava sitios conhecidos e costumados, foi direito á formidavel porta do tampo da sala.

— ‘Boas noites vos dê Deus, Rui-Vaz!’ disse Vasco ao homem d’armas, que, por ésta saudação, e pelo ar familiar com que ella foi recebida, mostrava ser conhecido velho.

— ‘Bem vindo sejais, Sr. Vasco... e mais devia de dizer D. Vasco; mas não tarda quem vem.’

— ‘Com essas coisas vindes sempre Rui. E, por minha vida que não intendo vossos meios dizeres, e palavras surdas! Não fallareis claro um dia, homem?’

— ‘Assim Deus falle á minha alma como eu fallarei claro e alto, e boa verdade, em havendo quem me solte a lingua. Mas porora está mais sêcca e pêtrea que essa negra porta.’

Dizendo isto, apontou com um gesto significativo para a tremenda *janua inferi* a que estava de guarda, benzeu-se, e continuou:

— ‘Mas que nos não oiçam elles, Sr. Vascol. Estas não são paredes para se lhe contarem segredos. Vindes cedo hoje.’

— ‘Cedo de mais sempre eu venho. Quem está ca?’

— ‘Quem hade estar? Vosso tio Fr. João, os outros amigos, e aquelle grande cachorro de Pero-Cão: os do costume, os do costume. So ahi está um frade que eu não conheço nem me lembra de ver aquella cara; fracas barbas tem.’

— ‘Que casta de frade é elle?’

— ‘Francisco, francisco; d’estes de mãos nas mangas e olhos no chão, dos taes que não comem mel.’

— ‘Posso entrar? Não ha ordem nenhuma de novo?’

— ‘Nenhuma.’

— ‘Então adeus, Rui-Vaz, que tenho pressa: vou-me lá dentro.’

— ‘Olhae, Vasco, mancebo; quereis um conselho? Sabeis que sou vosso amigo de véras, que vos tendes sempre dado bem com os meus avisos... Tómae o que ora vos dou: não vades lá dentro.’

— ‘Porquê?’

— ‘Porque...’

E deitando a mão ao estudante, chegou-o aopé de si o archeiro; e no ouvido; abaixando a voz, continuou:

— ‘Porque se faz hoje alli alguma maldade muito grande... Adivinha-in’o o coração, leio-lh’o nas caras, que andam com

um sorriso diabolico... e tam aforismados todos!.. alguma traça infernal andam tendo.'

— 'Bem sei que andam; e por isso ca venho.'

— 'Vós!'

— 'Eu... para lh'a desfazer.'

— 'Criança!'

— 'Nem tam criança que... Adeus, Rui-Vaz: até logo, que já volto.'

E não esperou mais; e, deixando o bom do homem d'armas á sua porta grande, foi-se, como quem sabia os cantos da casa, a uma portinha pequena que estava meia incuberta a um lado, e que mal distinguiria da parede quem não estivesse na posse e uso das *petites entrées* do paço episcopal.

CAPITULO V.

Vasco tinha os seus dezenove annos; e ha cinco que estava no Porto — para conego dizia o tio em cujo podêr estava — para ir depois a Salamanca e ser physico; dizia elle. O seu grande desejo, as suas aspirações de glória eram vir a sêr o successor d'aquelle typo, como elle o cria, de toda

a sciencia humana, mestre Simão, o physico d'elrei.

A sotaina do Mestre Simão, as gualdrapas da mula de Mestre Simão... e a sobrinha de Mestre Simão, a bella e espiituosa Gertrudinhas, eram todos os seus inlevos. — ‘Se eu chego a levar com a borla amarella’, dizia elle nos seus sonhos d'ambição, ‘estou um homem estabelecido, caso com Gertrudinhas; toma-me o tio para seu ajudante, deito logo mula com gualdrapa, ando atraz d'elrei, porque ando atraz de Mestre Simão... E todos a perguntar logo: Quem é este physico tam môço que vai no cortejo d'elrei? — É Mestre Vasco, o sobrinho de Mestre Simão que casou com a bella Gertrudinhas do arco de Sanct'Anna...’

Ora o tio — não este tio futuro, porém o tio presente — deitava-lhé outras contas muito diversas: queria-o ordenado, e cõnego prebendado da sancta Sé episcopal do Porto: e tinha suas boas razões o tio.

Era este não menor pessoa e personagem que Fr. João da Arrifana, um franciscano gordo e spadaúdo, pessoa de grande auctoridade e influencia na ordem, e sóra da ordem, não por suas lettras que eram gordas como elle, mas por tretas, que taes as tinha e tantas que os chronistas modernos da Seraphica lhe chamam o Passarola do seculo XIV.

Era além d'isso Fr. João da Arrifana... Mas não cansemos o pincel a retrattar nem este nem os outros importantes caracteres da nossa historia: deixemo-los *daguerreotyparem-se* aos olhos mesmos do leitor, e á luz de seus proprios *ditos e gestos*, segundo lh'os vamos contando.

CAPITULO VI.

PALESTRA DE MORAL.

DISSE que o nosso estudante se sumira da antecamara do bispo por uma portinha escura; mas não disse ainda onde essa portinha ia ter. Vamos a isso. Entrou Vasco pela ditta porta, fechou-a cautelosamente, e foi, em pés de lan, por um corredor es-

treito e escuro, andando sem o apalpar, como homem que o conhecia d'ha muito, e parou aopé de outra porta, de d'onde se ouviam distinctamente vozes claras e como de quem ou não resguardava a segredo, ou estava seguro de não ser ouvido.

Dizia uma d'ellas:

— ‘Assim nos ajude nosso seraphico padre, e a abundancia da colheita nas comarcas do Sul dê ânimo á charidade dos fieis, para nos chegar ao convento alguma coisa melhor que este vinho verde que por ca temos, e que, a dizer a verdade, nem a minha goella franciscana póde com elle...’

— ‘E que dizeis a este, meu padre?’

— ‘E sentiu-se um som como de vinho que se imborca do pichel no cópo.’

— ‘D'este rara vez se bebe nos tinel-

los dos bispos, que são prelados seculares e principes da egreja... quanto mais no refeitorio de pobres frades! Mas, dizia eu que assim me acudisse aquella benção do ceo, como é verdade o que vos contava, meu sancto e generoso prelado. Elrei sahiu de Coimbra ha dois dias e vem caminho do Porto.'

— 'Sabemos o contrário, veneravel irmão, por cartas que de lá nos mandaram ainda hoje: elrei sahiu a montar, tomou o caminho do campo, e não virá por agora á nossa boa cidade. Mas que viesse... pouco se me dava.'

— 'Inda' assim!'

— 'Dizeis bem, Fr. João: inda assim!.. por ora que se deixe estar por ló. É assaz mecheriqueiro o nosso senhor e rei, e intromettido em vidas alheias... Temos negocios que melhor se aviarão por ca sem elle... Pero-Cão, está tudo prompto, homem? Fiel e zeloso rafeiro, entra

ésta noite no redil a ovelha bravia e alfeira que recusa nossos pastoraes affagos e cuidados?’

— ‘Tudo está prompto, meu senhor; e vão sendo horas.’

— ‘Então, primeiro a obrigação que a devoção.’

Onviu-se um rumor e tropeada, como de umas poucas de pessoas que ao mesmo tempo se levantam e poem em movimento. Vasco não esperou mais; provavelmente tinha escutado quanto queria: batteu tres pancadas á porta por certo modo mysterioso que parecia de signal dado. Immediatamente cessou o reboiço; e uma voz sobresaltada exclamou: —

— ‘Oh! é Vasco.’

E abriu-se a porta. Vasco entrou. —
— ‘Seja bem vindo, Sr. estudante!’

Ja cuidava que o não veríamos hoje. Faz-se desejado n'esta casa o nosso futuro conego.'

E caminhou para elle o bispo que assim dizia, com uma expressão de contentamento em todo o rosto, que bem mostrava a particular afeição que lhe tinha.

Vaseo, segundo usam de fazer rapazes estragados do mimo, deu pouca attenção áquellas demonstrações; e, sem responder á alta personagem ecclesiastica que assim se dignava festejá-lo, nem fazer caso dos outros reverendos que o rodeiavam, chegando-se á mesa:

— 'Oh! a ceia foi esplendida hoje. Se estarão quentes ainda, que se comam, estes pasteis?'

E sentou-se, sem mais cerimonia, em uma das ponderosas cadeiras que estavam á-roda da mesa; e começou a tasquinhar

n'aquellas preciosas tortas e covilhetes de picado, que ainda hoje são a glória dos pasteleiros da 'cidade eterna', e cuja veneranda origem, por ésta mui veridica historia se vem agora a descobrir, foi nada menos que de invenção episcopal.

Bem o desconfiava eu: que tam bom bocado — e realmente é uma das melhores e mais saborosas golosinas que n'esta boa terra de Portugal se comem! — devia de ter sido inventada pela sapiencia culinaria de algum grande homem dos bons tempos da monarchia.

Aqui se hão de rir decerto os nossos estrangeirados, estes viajantes do *Palais-Royal* que deante das vidraças de *M.^{me} Chevet* estiveram imbasbacados a papar moscas, jurando que não havia mais India que aquella... mas, feito o juramento, iam jantar por vinte soldos um arlechim requentado de segunda mão...

Pois saibam, meus desdenhoços e ele-

gantes senhores, que eu ja comi jantares feitos por M. Pigeon, o Paracelso da Restauração que, por sua maravilhosa alchymia, dominou bons seis annos o mundo, de entre os fogões de M. de Villele. Tive, sim, a honra de adorar no seu occaso essa estrella flammejante da gastronomia e da politica: admirei o novo Watel, maior e melhor diplomatico do que o antigo... e todavia não esteve no podêr da sua arte fazer-me esquecer os caseiros e modestos pasteis da minha terra...

Esta-me parecendo que sou um grande pateta.

Tornemos á nossa historia.

O moço comia desinfastiadamente como n'aquella feliz idade se come: e o bispo, com o riso na bôcca e nos olhos, o contemplava em grande complacencia.

— 'Abusais um tanto, Vasco', disse um frade gordo e vermelho que não pa-

recia ver a familiaridade do mancebo com a mesma indulgencia excessiva: ‘abusais um tanto, Vasco, das bondades do nosso sancto prelado para comvosco.’

— ‘À vossa saude, tio Fr. João!’

E, com duas gargalaçadas do pichel no cópo, o encheu a derramar: d’ahi, impinou o possante vaso a mais de meio, e, dando aquelle estalido com a lingua no ceo da bôcca, que os Inglezes, por mui feliz onomathopeia, chamam *smak*, disse pausadamente o Sr. estudante:

— ‘Bom vinho! Se o haverá tam maduro e tam cerceal em Salamanca?’

— ‘Não quero ouvir fallar mais em Salamanca’: atalhou o bispo de mau humor. ‘Não irás lá, por minha vida! que nem eu, nem teu tio damos licença. Para um bom e honrado conego te queremos... que não é para sangrador de mullas e vilões, quem vem do teu sangue.’

— ‘Ah! com que assim venho eu de um sangue que?.. E os rapazes do côro aqui na sé que me motejam de filho daservas... de um que se não sabe de d’onde veio! Bem: saibamos pois, quem é a minha grande e fidalga pessoa.’

O bispo, que visivelmente se deixára levar da paixão a dizer mais do que queria, cuidou em se retirar com melhor ordem do que avançára:

— ‘Bem sabeis que vos soffro muitas demazias, Vasco; e que de mim fazeis quanto quereis... Meus n’uma coisa será: estais para elerigo, elerigo sereis, e conego prebendado na nossa saneta sé, com a mercê de Deus. Levareis vida folgada, e sôlta, que felizmente ja lá vai o tempo da egreja militante... e ainda bem! nós os de hoje somos da triumphante. É a vontade de vosso tio Fr. João a quem vossa mãe á hora da morte vos incommendou, Vasco... e é a minha. Vosso pae... vosso pae foi um nobre senhor de

Riba-dão... o maior amigo que nunca tive... lá ficou em Tarifa das lançadas dos Mouros... e... e...'

— 'E tudo será assim. Mas, senhor meu tio, e senhor meu bispo, o caso é que eu estou guapamente ceiado; e agora, tenho uns mancebos, meus particulares amigos e matalotes, que moram para Val-d'amores, guapos companheiros que estão á minha espera para irmos d'além Douro esperar as rôllas bem cedo nos pinhaes... E eu não tenho nem maravedi que levar na bolça, nem cavallo que me leve a mim. E se não heide pensar mais em Salamanca, ao menos...'

— 'Pero-Cão, dae tres doblas a este mau filho, ja que assim o querem não sei que maus feitiços que me elle deu... E dizei que lhe apparelhem os estribeiros aquelle alazão que me mandou de Cuenca meu veneravel irmão. É a mais linda estampa e os mais seguros quatro pés de cavallo que quero que haja em toda Hespanha.'

— ‘*Jube, Domne, benedicere!*’ disse, em tom e corda coral, o maganão de Vasco, pondo as mãos e inclinando-se ao prelado com ridícula gravidade, como clerigo em côro antes de ir cantar sua licção.

— ‘Birbante!’

— ‘Viva o meu sancto prelado! E venha a benção, que ja não falta mais nada. E dois trincos para Salamanca e para as suas cóvas, que não ha mais alchymia que ésta. Seraphico tio, incommende-me ás vossas penitentes orações. Meus reverendissimos, ficae em boa hora. E vós vinde, Pero-Cão, que não posso aguardar mais: vamos.

Que cavallos são aquelles
Que além oiço relinchar?
Vossos são, dom cavalleiro,
Que se infadam de esperar.’

E com ésta cantarola, partiu impurrando deante de si a malazada figura de Pero-Cão, o almudeiro do bispo, que tambem cumulava as duas altas dignidades e

carregos de seu mordomo ostensivo e de seu mercurio secreto.

Pero-Cão ria contrafeito, que não queria bem ao rapaz; mas voltava a desdentada bôcca para o bispo, para que elle o visse rir... rir d'aquelle alvar riso mau dos tolos velhacos — que é o mais detestavel riso que ha na natureza.

O pouco austero prelado, esse ria de gôsto e de véras; e seguindo com os olhos o mancebo:

— 'Dá-lhe redea ao alazão, rapaz, e não o piques, que é de sangue generoso, não soffre castigo. E espera, Vasco, filho: que te dem da armaria a melhor bêsta de garrucha que lá houver... a propria com que eu fui às caçadas d'elrei quando...'

Mas ja o não ouvia o rapaz, que se fôra correndo, se bem corrêra, com Pero-Cão agarrado, e como quem não podia soffrer mais delongas.

— ‘ Bem se ve o sangue que tem! montar e cavalgar é o seu deleite. Havemos de fazer d’ elle um bom conego... E agora, amigos e fieis meus, cada qual a seus cuidados!.. Inda bem que o rapaz teve ésta vontadinha de se ir ao monte tam a proposito e de feição: escusamos de o ter por aqui n’ esta conjunctura...’

— ‘ Parece-me, se me dais liberdade, que o deixais senhorear-se demais de vossa affeição, e que lhe não podereis ir á mão quando quizerdes.’

— ‘ Não tenhais medo: a raça é boa, e hade acudir por quem é. Asperezas, nem elle as supportava nem as podíamos nós ter com elle. Cuidais que podêmos fingir com aquella criança? Conhece-nos por dentro e por sóra... *Intus et in cute*: creio eu que é o latim da sentença, se ainda bem me lembra do meu pobre latim... Boas noites, reverendos irmãos. Amanhan conversaremos mais d’ espaço.

— 82 —

— 82 —

CAPITULO VII.

— 82 —

O ALAZÃO.

COM as suas doblas na algibeira, boas doblas de D. Pedro, que era o melhor e mais leal dinheiro de oiro que n'esta terra se cunhou até aos tempos verdadeiramente dourados das dobras e dobrões de D. João v, chegou Vasco ás cavalharices episcopaes acompanhado do reluctante Pero-Cão:

— ‘Onde está, aonde está elle, este querido alazão?’

E sem esperar resposta, foi, por entre mures e cavallares, procurando o appetecido e gabado ginete que lhe tardava de sentir ja entre os joelhos a devorar com elle o espaço...

— ‘Eil-o aqui, eil-o aqui!..’ E deitou-se aos peitos do generoso animal que parecia intender e responder aos affagos do mancebo, relinchando com sympathica intelligencia, como por esse magnetismo animal que estabelece aquella inexplicavel mas inquestionavel correspondencia entre as affinidades de duas naturezas semelhantes.

Attrevidos, generosos, ambos, actuados ambos pelo vago desejo de se lançar ao incommensuravel espaço, imprudentes, desprevenidos, o jovem cavalleiro e o jovem cavallo sentiam que eram feitos um para o outro, que a um e a outro os chamava

o palpitante interêsse de correr impensadas aventuras.

Sellaram, imbridaram o cavallo, que os cavalheiros pasmavam de ver tam manso. Vasco ficou de um pulo sôbre elle, tam consubstanciadas as duas fórmas e naturezas como se as duas partes de um antigo Centauro, que estivessem divididas, se tornassem a reunir para viverem sua vida natural e primitiva.

Partiram trotando largo e seguro por aquelles despenhadeiros escorregadios e mal calçados que nossos avós, de tam bom contento, tinham a indulgencia de chamar roãs. Vasco toinou pelo arco da Vandoma, onde os Gascois e seu bispo Nonogo collocaram a milagrosa imagem da Virgem, protecção e armas da nossa cidade; veio sahir ao que hoje é de S. Sebastião, e d'ahi outra vez rua de Sanct'Anna abaixo. Parou juncto d'esse arco, viu erguer-se

logo um postigo de gelosia, e ouviu que lhe diziam em voz baixa mas clara:

— ‘ Bem. Correr sempre! Agora nem mais palavra.’

E viu um lenço branco que lhe acentava. O lenço deixou-se cahir: colheu-o no ar, beijou-o com devoção, e o metheu nas prégas do seio. A gelosia fechou-se, e elle partiu.

Ja chegava á porta da cidade, que áquella hora se não abriria decerto a qualquer outro: mas a quem vinha dos paços da sé, montado n'aquella ricca e bem conhecida estampa de cavallo, ao sobrinho de Mestre Fr. João da Arrifana, o valído do bispo, quem lhe havia de duvidar de coisa alguma? Abriram-lhe a porta, foram-lhe acordar barqueiros que o passassem d'além Douro... E tudo isto que levamos contado, e achar-se o nosso estudante nas praias de Villa-Nova, e d'ahi galopando a toda a brida para o alto agora

ditto da Bandeira, tudo isso foi obra de poucos quartos de hora. Ainda era noite, noite de véras e escura fechada, quando chegava a esse alto hoje tam célebre por nossas sanguinosas luctas civis.

Deixá-lo ir seu caminho, o senhor estudante: caminho que eu fiz tantas vezes, em muito menos generosas cavalgadas e em mais moderada andadura, quando, morto de saudades pelo meu patrio Douro, ia choitando no proverbial macho de arriero para as doces margens do Mondego que tanto praguejava este ingrato coração, como se em toda a minha vida n'este mundo eu houvesse nunca de ter dias mais felizes do que tantos, tantos que alli passei na innocente e descuidada seguridade da vida de estudante.

depois de ser recebido, e assim se deu
poder para os dias. Assim se deu
nos dias de terra e seguiu-se depois
chegava a casa, e assim se deu
nos dias seguintes.

Deixou-se a terra e seguiu-se
depois de ser recebido, e assim se deu
poder para os dias. Assim se deu
nos dias de terra e seguiu-se depois
chegava a casa, e assim se deu
nos dias seguintes.

Deixou-se a terra e seguiu-se
depois de ser recebido, e assim se deu
poder para os dias. Assim se deu
nos dias de terra e seguiu-se depois
chegava a casa, e assim se deu
nos dias seguintes.

... a...
 ... as...
 ... o...
 ... um...
 ... —...
 ... —...
 ... illa...
 ... como...
 ... de chegar...
 ... de sua no...
 ... e com...
 ...

CAPITULO VIII.

...
 ...
PARLAMENTO, DISCUSSÃO.

DEIXEMO'-LO pois ir o senhor estudante; e
 voltemos nós com a nossa historia ao sitio
 d'onde ella começou e aonde está o fócco,
 o interêsse todo d'esta mui veridica nar-
 ração.

Soavam talvez ainda na rua de San-

ct'Anna, e por baixo de seu hemditto arco, as estridentes patadas do alazão episcopal que tam folgado ia descendo com o leve pêso de seu jovem cavalleiro, quando um vulto, dois vultos, depois tres, seis — eram ja bem dôze ou quinze, — começaram a surdir das várias ruas e viellas que alliam dar: vinham, manso e manso, como ladrões que espreitam occasião de chegar sem ser vistos, ao prazo dado de sua nocturna impreza que d'ante mão e com todo o artificio fôra traçada.

Vinham tam rebuçados todos em longas capas escuras, que nas espessas trevas da noite era quasi impossivel distinguir o movimento surrateiro com que se mechiam. Junctaram-se a pouca distancia do arco; e, trocando certo signal que manifestamente viera pactuado, disse então uma voz:

— 'Estão todos?'

— 'Todos, Pero-Cão.'

— ‘Leva rumor! Aqui não ha Pero nem Paio. Quem traz a gazua?’

— ‘Eu: e ainda vem quente da lima, por signal. E mais, escaldéi os dedos a forjá-la.’

— ‘Não te infades: é a amostra do panno de Belzebuth. Melhor t’o fará elle quando te pingar á consciencia, ferreiro de maldição...’

— ‘Quando eu para lá for... E não digo que não... á boa companhia em que ando, e ás boas bullas que heide levar da sé, e dos seus paços...’

— ‘Não te callarás, excommungado?’

— ‘E quem me hade excommungar a mim?... Estou vendo que será o nosso bispo.’

Aqui houve gargalhada geral, que mal se abafava nas capas dos imbuçados: tam popular foi a observação que a excitou.

Pero-Cão — ja está visto que era elle ; e os outros, portageiros e esbirros menores, que eram o resto da infame caterva que alli se reunia — fizeram todos, como por simultaneo impulso, um *pschii!* que foi assoviando surdamente pela rua abaixo. Seguiu-se breve callada.

— ‘Leva rumor agora!’ disse então Pero-Cão: ‘logo no paço, e depois da fazenda feita, devisaremos d’essas coisas todas; e cada um dirá, qual mais e melhor, o que tiver que dizer. Lá está um odre dos que hontem chegaram da dizima, almudado por mim á consciencia — bem o heisde crer — para aguçar a lingua ao que a tiver mais romba. Agora vamos ao que temos que fazer, que são horas, e o... o... o pastor está impaciente pela ovelha. Avança, meus rafeiros!’

— ‘Pastor, pastor... E quem é o lobo então?’

— ‘Que te vai a ti se é lobo ou pastor, comtante que te elle pague?’

— ‘Isso paga elle como um senhor que é.’

— ‘E guapo senhor!’

— ‘Lembra-me uma coisa, Pero-Cão...’

— ‘Ja tè disse que aqui não ha Pero nem Pelaio.’

— ‘Sim, a coisa é arriscada. Quando amanhan se souber em toda a cidade do Porto o villão feito que ésta noite se vai fazer aopé do arco de Sanct’Anna... estou vendo que hade haver duas opiniões sôbre saber quem fez o tal feito. Não hade ser logo uma voz so, entre maiores e communaes: ‘Aquillo só Pero-Cão, só o damnado de Pero-Cão!’

— ‘Pela Senhora da Silva, que é maior sancta e está em mais alto lugar do que ésta Sanct’Anna, com quem agora não quero nada pela má vizinhança que lhe vanios fazer... pelos bemdittos ossos de

todos os sanctos bispos que estão no ceo... e por quantos sanctos de vulto e de roca, em osso e em pau, quantos tem a bemditta egreja da sé!.. que ésta faca de mato vai pela bôcca dentro do primeiro que deitar por ella fóra o meu nome.'

Ninguém tugiou nem mugiu: sabiam que Pero-Cão era homem de palavra... e de obra tambem.

Mas o rezingueiro, com quem andava o dialogo que vamos contando, sempre tornou d'ahi a pouco:

— 'Pois não se falle mais em nome tam melindroso. Não quero ter que descozer com a tua faca de mato... nem tu quererás... nem tu hasde ter muita vontade tambem de fazer conhecimento com ésta choupa, que é forjada, temperada e amollada por minha mão... e não n'as costume fazer das que torcem o fio no melhor peito d'armas de Milão, ou bufalo pespontado de Veneza... Va! deixe-

mos isso. O que eu queria saber era: se quando nós, bons populares, que em má hora leve Belzebuth como se fomos fidalgos!.. quando nós, desastrados populares, vendemos a nossa alma a teu senhor... e ao diabo, que tudo foi no mesmo escripto, e ambos lá o teem para nos fazerem pagar cada um a seu tempo... quero eu saber se quando assim lhes vendemos a alma para apouentarmos e roubarmos o povo nas casinhas da portagem, se tambem ficámos obrigados a andar, por noite velha, pelas casas de nossos parceiros e communaes da mesma terra, a roubar-lhes as mulheres e as filhas para serviço do mesmo diabo, ou do mesmo...

— 'Não batas mais n'esse ferro, ferreiro: bem sei onde queres ir ter. Este serviço é de fóra parte, e tem seu sôldo e comedorias que vão com elle. Não tenhas dúvida. Comprámos-te a alma mais caro do que ella valle. Medo tenho eu que os diabos me não dem quitação por tamanha paga.

Pero-Cão, habil politico e homem quasi parlamentar, viu que a discussão se ia tornando séria de mais, e podia desmoralizar a maioria. Metteu o caso a bulha com o vulgar ridiculo de uma torpe blasphemia; e, por ésta tam sabida e tam immoral estrategia, despegou do serio aquellas almas grosseiras: almas como as ha sempre em todas as cathogorias da sociedade, capazes de rir e mofar no meio dos mais atrozes flagícios.

Em mui semelhantes discussões, preparatorias de não menores infamias, outros parlamentos, sem ser o do arco de Sanct'Anna do Porto, têm visto levantar-se um truão homem d'estado a aconselhar, com villezza e crueldade, os maiores flagícios, dizendo sandios gracejos e torcendo-se em visagens de bobo para fazer rir, nos solemnnes momentos d'angústia pública, outros cúmplices tam grosseiros e vendidos como os de Pero-Cão ha quatro centos annos.

Pero viu, nos comprimidos e forçados

risos dos *nobres* collegas a quem fallava, que tinha conseguido o seu fim parlamentar: e, aproveitando o momento favoravel e supremo, fechou a discussão, resummiu os votos, e disse:

— ‘Vamos a isto, que é tempo de obrar, não de fallar. Vós (e separou seis da sua quadrilha) ide por detraz da casa, não se nos escape d’ahi a ovelha. Nós aqui, calados e quedos como marcos d’estrada. Dá ca a chave.’

Tomou a chave, imbuçou-se mais apertado: e d’alli a dez ou dôze minutos de medonho silencio e expectação, investiu derepente para aopé do arco, metteu a gazua na portá da casa que pegava com elle da esquerda... A porta abriu-se... e Pero subiu, com mais dois, pela escada acima, deixando o resto de sentinella e refôrço á porta.



CAPITULO IX.

MOTIM E ASSOADA.

AMANHECEU o dia seguinte, bello e puro como um dia d'Abril que era; o tôlido de névoa, que a madrugada costuma extender sôbre o Doiro, tinha levantado mais cedo. Desde o nascer do sol, as mais escuras e tristonhas viellas do Porto se in-

nundavam de claridade. A nossa rua de Sanct'Anna não foi das ultimas que, em sua estreita e cava sinuosidade, viram penetrar a luz aviventadora d'aquelle dia. Seriam sette horas da manhan: os postigos da gelosia á direita do arco da sancta ja por vezes se tinham agitado, ja os vivos e ardentes olhos da animada Gertrudes foram vistos fixar-se com anciedade nas janellas ainda fechadas da casa fronteira.

Gertrudes está inquieta, não sabe bem porquê; dá-lhe que intender, hoje mais que nunca, o silencio d'aquella casa, que todavia não é das mais temporans a dar signaes de movimento e de vida exterior, logo de manhan. Anna bem se ergue cedo, com a aurora, de seu viuvo e desconsolado leito; mas lida muitas horas no interior da casa para satisfazer a seus tantos cuidados domesticos, primeiro que appareça ás duas queridas vizinhas que sempre lhe têm valido, a boa sancta que a protege e a boa amiga que a conforta.

Mas dão sette, mas dão oito, mas são quasi nove horas... e as janellas de Aninhas não se moyem. A impaciencia, os temores de Gertrudes sobem de ponto... Alguma coisa succedeu... e é preciso saber o que foi.

O honrado Martim Rodrigues, honesto e pausudo caldeireiro da rua de Sanct'Anna, pae da nossa Gertrudes, typo e véra-essigies de um abastado burguez d'esta burguezissima cidade, sahira, ha muito, para as casas do concelho, onde occupava a primeira cadeira curúl, como digno juiz da terra que era. Gertrudes está so. A velha dueña que, desde que seu pae invivára, lhe fazia companhia e a ajudava na labutação da casa, sahira para a missa das almas ainda lusco-fusco; e n'uma serie de missas, jaculatorias, novenas e trezenas que trazia promettidas e em bom caminho andado de satisfazer, se tinha ficado pelas capellas da sé, onde está San'Gonsalo e San'Tiago, e a Senhora da Silva, e a Senhora do O, com varios ou-

tros sanctos todos de sua particular devoção; com o quê, se lhe costumava ir a manhan até ás dez horas pelo menos: hora a que ella ainda não começa para a dorminhoca progenie que hoje vive.

Gertrudes não póde esperar mais: desce, a correr, aquellas precipitosas escadas de que ainda ha tantos modellos-monstros na nossa boa terra, e vem á logea onde os officiaes e aprendizes de seu pae martellavam, em sonora dissonancia, os arames roxos e amarellos que são a glória e o timbre... timbre que bem retinia!.. de mestre Martim Rodrignes.

Gertrudes era a valida, a admiração e o amor de todos os cyclopes da rua de Sanct'Anna e da vizinha Banharia. Os de seu pae adoravam-n'a. Boa, officiosa para todos, impunha-lhes, de mais a mais, por um certo ar de superioridade, e para assim dizer (perdoem-me a aristocracia da phrase) de fidalguia natural, que é a mais rara, a mais preciosa e a mais verdadeira,

posto que não tenha assentamento na casa nem ande nos livros da mordomia-mor.

Pararam os martellos suspensos no ar, cessou a infernal musica dos caldeireiros de mestre Martim, apenas viram as roupas brancas, e a quasi mais branca mão de sua linda filha acenar-lhes silencio.

— ‘Quem viu hoje entrar ou sahir alguem da porta aqui defronte? Ninguem sentiu por ahi rumor ainda hoje?’

— ‘Da porta defronte? Da casa do ourives?’

— ‘Sim.’

— ‘Elle... hoje... Eu, parece-me... A gente não reparou. Mas é verdade... que ainda está tudo fechado.’

— ‘Va ja um ver; bata á porta, impurre-a... entre ja por sôrça...’

Não foi um, foram os martelladores todos. E Gertrudes, á porta da sua logea, aguardava, em expectação anciosa, o resultado da diligencia.

Bateram: nada. Martellaram com seus amotinadores martellos: nada.

— ‘Arrombem essa porta!’ bradou Gertrudes.

Não foi preciso repetir a ordem; o ferrólho era fraco ou estava mal corrido: a porta foi dentro com pequeno esforço.

D’alli a dois segundos, um dos cyclopes abria a janella do primeiro piso, e com uma cara espantadiça e esgaziada, com uma verdadeira ‘cara de caso’, disse para baixo:

— ‘Ca não está ninguem.’

— ‘Ninguem!’ repetiu a aterrada Gertrudes. ‘Bem m’o adiyinhava o cora-

ção... Oh pobre Anninhas! Levaram-n'a, levaram-n'a os maldittos...

E atravessou a rua, e entrou na casa da sua amiga, e correu-a debaixo a cima n'um instante. No primeiro piso não viu ninguém... subiu ao segundo. Com que espectaculo foram dar os olhos da boa Gertrudes!

Uma criancinha de dois annos, ainda nua, e como quem tinha sahido por seu pé do berço em que dormira, brincava descuidadamente com um gato valido, que parecia adivinhar o abandonô do innocente, e, com o redobrar dos saltos e folguedos, querer interte-lo que se não car-pisse.

Gertrudes tomou a criança nos braços, envolveu-a á pressa em algumas roupas que achou á mão, e disse para a sua gente:

— Um fique a tomar conta n'esta

casa; outros vão já chamar meu pae. Oh Anninhas, Anninhas!..’ E não pode conter mais as lagrymas.

— ‘Mas que foi isto, senhora?’

— ‘Que foi? O que havia de ser? Não conheceis vós Pero-Cão?’

— ‘Ah! Pero-Cão, Pero-Cão... o excommungado bem rondava por aqui estes dias atraz. Foi o desalmado do bispo que a mandou furtar: querem ver? Não foi outra coisa. Foi, foi; nem ha mais que ver, nem que dizer.’

— ‘Oh vergonha para a nossa rua!’

— ‘Para a nossa cidade!’

— ‘Para esta terra toda!’

— ‘Isto não hade ficar assim.’

— ‘Não, não!’

— ‘A elles, aos câens, aos Pero-câens!
E aos conegos, aos bispos, aos portageiros
e malsins, e a toda ésta cambada de Bel-
zebuth!’

— ‘Por menos entrámos nós ha dez
annos nos paços do bispo e lhe matámos
dous maus criados seus.’

— ‘Aqui d’elrei, aqui d’elrei, que sur-
taram a mulher de Affonso de Campa-
nban, a boa Anninhas, a honrada Anni-
nhas!’

Um vai buscar o mais sonoro arame
que achou na logea; e a golpes repettidos
de martello começa de soar um rebate
tam tangido e tam apressurado, que, de
mistura com os gritos, exclamações e im-
precações dos companheiros, em breve jun-
ctou aopé do arco da gloriosa Sanct’Anna
a mais tremenda *emeute* — alyorôço de po-
pulares que ainda se víra desde as guerras
do principe D. Pedro com seu pae, ou do
último levante em que o povo se desin-

ganára a fazer justiça por suas mãos no bispo seu senhor e seu excommungador.

Gertrudes tinha voltado para casa com o desvalido filho da sua amiga nos braços. E mostrando-o da janella ao povo, concitava aquelle generoso enthusiasmo que a indignação contra os actos de prepotencia excita sempre nas classes menos corumpidas da sociedade... a que chamam as infimas; e o são decerto na ordem da villania, e do egoismo sem paixões, porque todo é interêsses...

O povo ia-se junctando; e uns contavam aos outros o extranho successo; e a indignação crescia com o recordar as tantas torpezas e abominações que se tinham feito e soffrido n'estes ultimos tempos. E vinham as queixas dos tributos, e o tam geral quanto desigual das vexações; e tudo o que, nas breves horas da ascendencia popular, costuma vir sempre á collação; pois que o instincto diz aos perpetuamente opprimidos que é preciso aproveitar a

hora da vingança e do castigo, porque a
opressão dura seculos, e a liberdade é
de instantes.

A maior parte das crueldades e injus-
tiças demagogicas — não menos cruelda-
des nem menos injustiças comtudo — ex-
plicam-se por ésta theoria do terrivel in-
stincto dos povos, que os não ingana, posto
que os desvaire.

CAPITULO X.

OS RESSURGIDOS DE SAN JOAQUIN.

No mais alto de effervescencia e de tu-
multo, chegava a rua dos Santos
estava o mestre Martin Rodriguez accom-
panhado de sua collera e albor-gão, o se-
gundo grito popular. Era o dia que se
dia de San Joao anteceder, na festa de

poter de progredir e de ensinar, porque a
opressão deve acabar e a liberdade e
de instaurar

A maior parte do povo brasileiro e a
classe trabalhadora — são vítimas
das mesmas condições econômicas —
dificuldades por causa da falta de
estudo dos povos, que em suas condições
vão se destruindo.

Os meios de instrução, que são os únicos
que podem salvar o povo brasileiro, estão
em condições de absoluta falta de condições
para a instrução e para a cultura.

É preciso que se estabeleça um sistema
de ensino adaptado a estas condições
e que permita a todos os brasileiros
o acesso ao conhecimento e ao ensino.
É preciso que se estabeleça um sistema
de ensino que permita a todos os brasileiros
o acesso ao conhecimento e ao ensino.
É preciso que se estabeleça um sistema
de ensino que permita a todos os brasileiros
o acesso ao conhecimento e ao ensino.
É preciso que se estabeleça um sistema
de ensino que permita a todos os brasileiros
o acesso ao conhecimento e ao ensino.

concordaria ou sentença que servia de lei
à cidade, tinham sido esculpidos pelo diabo
e entrado entre os olhos da povoação.
Os dois e prudentes magistrados resol-
veram então vir-se e ir-se ao paço de
côrteza, e ali se estabeleceram.
O primeiro juiz popular, o velho
— viva o nosso rei! — tomou de toda
a malícia que é outro instinto de mul-
tição ter sempre algum a quem accha-
rar e victoriar. Embora o apoderar-se
depois, em não a coisa mais

CAPITULO X.

Os dois collegas passaram tranquilamente
por entre as alas do povo, que se dilatou

OS LEGITIMOS REPRESENTANTES.

No mais alto da effervescencia e do tu-
multo, chegava á sua boa rua de San-
ct'Anna mestre Martim Rodrigues accom-
panhado de seu collega e alter-ego, o se-
gundo juiz popular. Erãr os dois que no
dia de San'João antecedente, na fórma da

concordata ou sentença que servia de foral á cidade, tinham sido escolhidos pelo bispo d'entre os oito eleitos do povo.

Os bons e prudentes magistrados resolveram enfim vir ver e prover ao que acontecia.

— ‘Viva o nosso juiz!’ rompeu de toda a multidão: que é outro instincto da multidão ter sempre alguém a quem acclamar e victoriar... embora o apedrejem depois.

CAPÍTULO 7

Os dous collegas passaram gravemente por entre as alas do povo, que se dilatou pela estreita rua abaixo, a fazer-lhes praça; e entraram em casa de Martim Rodrigues para ouvirem e consultarem do caso maduramente.

— ‘Ainda bem que chegastes, senhor pae! Era uma vergonha a todo esse povo ali juncto a bradar por justiça; e o seu juiz sem lhe apparecer!’

— ‘Praz-mê de vos ouvir, filha: sois atilada e appertinente. Mas tomae tento, Gertrudes, que sois minha filha, e não de qualquer do povo! A filha d’um official do concelho, d’um cidadão a quem os seus communaes intregaram o cuidado e a guarda de seus foros e liberdades, não hade fallar assim soltamente. O povo brada?.. Deixá-lo bradar.’

— ‘Deixá-lo bradar, meu paê!’

— ‘Quero dizer: o povo não póde bradar nem deve bradar; nós é que somos os seus bradores.’

O veneravel collega de mestre Martim deu um meditabundo signal de assentimento, meneando sua municipal e respeitavel cabeça.

Esta theoria constitucional, que se considerava eminentemente conservativa no seculo XIV, sería hoje havida por completamente demagógica e subversiva, consi-

derado o immenso addiantamento das luzes, os progressos de civilização que temos feito, e os hábitos de liberdade que ultimamente havemos adquirido...

— ‘Mas se os ferem a elles, senhor, se nos ferem a nós todos, meu pae, esperraremos, para nos queixar, que?..’

— ‘Que em virtude dos podêres que nos confiaram, e dos direitos que em nós renunciaram *todos* pela eleição de alguns *poucos*, nós sentimos o seu mal, nos doamos por elles... e meditemos, em nossa sabedoria e pausadamente, a queixa que se deve fazer.’

— ‘Oh senhor meu pae! e se este innocente alli morresse ao desamparo, quem lhe havia de acudir, com toda essa prudencia tam pausada?’

E mostrava-lhe, a entusiasta oradora de Gertrudes, o innocente que tinha nos braços e que, com os olhos fitos nos d’el-

la, parecia implorá-la como seu unico refugio e protecção.

— ‘Cujo filho é esse, Gertrudes? É um cherubim! Vêde-m’o bem, compadre Gilianes. De quem é tam lindo garção, Gertrudes?’

— ‘Ai! o cherubim da minha alma!’ exclamou d’alli outra voz muito conhecida na casa, mas que não conhece ainda o amavel leitor. Não era menos nem de menor pessoa que da tia Briolanja Gomes, a boa dona incostada da viuva casa de mestre Martim, a indulgente dueña da nossa Gertrudes, que voltava emfim das suas devoções.

— ‘Ai! o cherubim da minha alma!’ repetti ella: ‘Não o conheceis, mestre Martim Rodrigues? Olha quem! E a perguntar cujo é! Cujó hade ser o anjo do ceo, ricco seraphim da tribuna do Deus-menino! Cujó hade ser, homem, senão d’aquella sancta em corpo e alma, digna

afilhada da mais sancta madrinha que tem o ceo, depois da Virgem nossa senhora... e não desmerecendo na bem-aventurada senhora sancta Isabel, mãe do Bautista, que a propria Virgem a foi visitar a sua casa, e ambas com os seus bemditos ventres para cada hora... que o percursor se poz de joelhos (lá o diz o Evangelho) dentro das intranhas de sua benta mãe, e disse: 'Eu te adoro e te arreverenceio, porque es o Verbo: *Verbum caro fato es...*'

— 'Oh! mulher, oh! mulher, por quantos sanctos ha no ceo, e na sé, callae-vos ja, em nome de Deus, que me mata e insurdece, e falta o folego... de ouvir o folego que tendes. Que criança é ésta, Gertrudes?'

— 'É filha da Anninhas, da triste mulher do ourives alli defronte.'

— 'Ah! E então comó dizem que ésta noite?... Não póde ser. Já lá foram a casa da vizinha?'

— ‘Não haviam de ir? Foram, e o que lá se achou de coisa viva, foi este innocente sosinho e desamparado, e o gato branco d’Anninhas que folgava com elle.’

— ‘Então é verdade?..’

— ‘É verdade, sim, meu pae. E foi elle, foi elle: vou metter as mãos no fogo porque foi elle, o infame, aquelle amaldiçoado de Deus, que, em nome de Deus, nos anda deitando bençoas pelas ruas, como se... e Jesus!.. não houvesse raio de Deus para estes malvados, nem...’

— ‘Gertrudes, Gertrudes, lembra-te o que ainda agora te disse, filha. Bom é ser a gente boa; bom é sentir as injúrias do proximo... Mas primeiro está a prudencia, filha; que senhores e prelados podem muito.’

— ‘Oh meu pae, quem tanto quer viver no temor e respeito dos maioraes, não devia acceitar o carregò de punir e zelar pelos pequenos!’

As theorias sociaes de mestre Martim Rodrigues e de seu digno collega cahiram deante d'esta singela argumentação da candida Gertrudes. Como quasi todas as theorias sophisticadas do nosso tempo, e de todos os tempos, ellas são feitas á similhaça do gigante assyrio: uma pedra, lançada da funda do innocente que pelega em lisura e verdade deante de Deus, as prostra mortas e estateladas no chão.

Os dous graves senadores callaram-se: não sabiam, não tinham que responder.

E Martim Rodrigues bemdisse a palradora lingua de Briolanja que o veio tirar d'appertos com a sua perpétua serra-madeira-de-carapinteira, que, em a deixando, era de nunca mais acabar.

— 'Ai! filha, appello eu! pelo que vejo e vos oiço, quer-me parecer que tambem vós... Ai! nome de Deus! Jesus venha á minha alma!.. Vai-te para as arcias gordas, tentação de mau demonio praguez-

to!.. Tambem vós, Gertrúdinhas! Elle era o que faltava. Não ouvirei eu ora mais com estes ouvidos peccadores que a terra hade comer!.. e na capella seja da Senhora da Silva, e alli fique eu quieta e descansada, sem que me toquem n'um cabello da cabeça até o dia da resurreição da carne em que lhes farei figas a todos os démos tentadores... eu e tu, filha, e mestre Martim tambem, e todos nós, todos os remidos d'aquelle sangue que é sangue e é vida eterna, amen Jesus!.. Mas tal me não direis vós, filha Gertrudes; não me digais tal, que ja estive para esgadanhar a cara a um excommungado de um apprendiz de caldeireiro... ou latoeiro seria, que é mais ruim raça aquella... os nossos caldeireiros são gente de outra criação e mais brandura. Pois não me quiz dizer o malditto... Abrenuncio de Satanaz! vai-te para as profundezas de tu' terra malditta!.. Pois não me quiz dizer que era... ai Senhor!.. que era coisa do paço!..'

Com o, obse, 1787, laicillo euz a aboi mo

31) — ' E d'ahi é, tia Briolanja, eno mal

que pize a Deus... que Satanaz folgará,
por mais que o praguejeis vós ahí. Esta
noite teve elle folgança e festança de missa
nova... antes velha; que o desamparado
de Deus bem velho é ja para se metter
com raparigas da sorte e primor da minha
Annihas... Ai pobre Annihas! b...
-20- Pois sempre elle será verdade? Ai
terra que me não cobrés, ai ouvidos que
vos não fechais para tal não ouvir, ai olhos
que não cegais para tal não ver! Sancto
Deus d'Israel, que deve de estar perto do
dia de Juizo! Annihas... Annihas, a
afilhada da minha senhora Sanct'Anna,
que lhe accendia a alampada todas as noi-
tes, que lhe rezava todos os dias!... An-
nihas, aquelle anjo de lindeza e de bon-
dade!... Ai, o que hade ser de nós pec-
cadoras! Ai, mestre Martim Rodrigues,
que ámanhan são capazes de me vir bus-
car a mim também!

Com toda a sua official gravidade, e no
meio de sua grande intallação, mestre

Martim não teve em si que se não risse ; a seriedade do collega desmanchou-se a acompanhá-lo na mesma risada ; e a propria Gertrudes mal poudo apertar os seus pudibundos beiços de donzella para não soltar uma boa gargalhada com os receios da timida Briolanja.

CAPITULO XI

UMA VISITA

Uma visita de Gertrudes a Briolanja no tempo da sua primeira viagem a Lisboa, e a sua chegada a casa de seu pai, e a sua chegada a casa de seu pai, e a sua chegada a casa de seu pai.

A differença entre a vida de Gertrudes e a de Briolanja.

Martin has left me in the most
 a cordial and friendly manner
 according to the usual custom
 of the Continent and I have
 returned home with a very
 pleasant recollection of my
 visit and a great desire to
 visit you again.

I have just received your
 kind letter of the 21st and
 am glad to hear that you
 are well and happy. I
 have not much news to
 write at present. I am
 still in the same place
 and doing the same work.
 I have not much news to
 write at present. I am
 still in the same place
 and doing the same work.
 I have not much news to
 write at present. I am
 still in the same place
 and doing the same work.

With kindest regards to
 all yours, I remain
 your affectionate friend,
 J. B.

... o voto...
... quando...

A...
... e não...

CAPITULO XI.

... e o nosso...

VOTOS, VOTOS!

Mas ja n'estas desultorias conversações se
tinha passado muito tempo, tanto tempo
como leva uma d'aquellas proverbias ques-
tões d'ordem em San'Bento, que ingollem
o espaço sem tocar na materia... e o
ministerio pede votos, votos! e acabou-
se. Resolveu-se tudo sem se decidir nada.

A differença esteve agora em que d'esta

vez quem pediu os votos foi... o povo: coisa que elle raramente faz, mas quando o faz, tem que se lhe diga...

A *emcute* tinha esperado pacientemente que os magistrados consultassem, á sua vontade e puridade, do negocio que a todos interessava. Mas esperou, esperou; e não vendo resolução, infadou-se.

— ‘Aos paços da Sé, aos paços da Sé! E o nosso juiz que nos venha capitanear, como é de sua honra e obrigação.’

‘SOTOV ,SOTOV

— ‘Aos paços da Sé!’

— ‘Queremos que nos intreguem An-
niñas, e ja.’

— ‘Ja, sem mais detença.’

— ‘E Pero-Cão, para o inforearmos
n’uma figueira de Judas.’

— ‘Não: no arco da portagem.’

— ‘ Ah! ah! ah! ah! non sup ior!’ —

— ‘ Bem ditto! E com a bréca’ todas as portagens e portageiros.’

— ‘ Não queremos mais portagem, nem dzima.’

— ‘ Não queremos.’

— ‘ Não queremos pagar mais.’

— ‘ Nada! Não se paga aqui mais nada: não queremos.’

— ‘ Os conegos que trabalhem, se querem commerciar.’

— ‘ El o bispo que va para Roma, a ver se o padre sancto lhe pôde dar absolvição, que o não queremos nós ca.’

— ‘ Os burguezes do Porto querem bispos com temor de Deus e amor do seu povo.’

— ‘Elrei que nos dê outro.’

— ‘Ainda que seja preto como o bom de D. Soleima que D. Affonso Henriques deu aos de Coimbra.’

— ‘E mais, foi bem bom bispo o negro: dizem.’

— ‘Está bem de ver: bispo negro, missa branca.’

— ‘Ah! ah! ah!’

— ‘Este é branco, e diz missa negra.’

— ‘Como negra tem a alma, o cão.’

— ‘Cão de bispo! tu e teu Pero-Cão hoje o pagarão.’

— ‘A elle! vamos a elle!’

— ‘Os caldeireiros batiam nos arames estridentes seu infernal rebate. A alga-

zarra, a vozeria, as risadas ferozes e descompostas, a alegria terrível da multidão que se prepara para o festim da carnagem... o profundo revolver das tremendas iras populares, formava tudo medonha consonancia; era uma sequencia infernal cantada pelas vozes discordantes dos Demônios... o *dies iræ* que se hade intoar no abysmo á vespera do terrível dia do Juizo final.

— ‘Que lhe diremos, que lhe faremos nós?’ dizia; titubeando, o aterrado Martim Rodrigues para o outro conscripto do senado portuense.

— ‘Que assoceguem, que esperem: que nós vamos ao paço, e veremos... é faremos por que sejam desaggravados.’

— ‘Sim, sim; esse é aviso de acôrto e de prudencia. Vou-lh'o dizer.’

E chegou á janella o honesto Martim, e começou perorando ás virtuosas massas

como homem que não sabia bem o que dizia, nem porquê, nem a quem? O que elle sabia bem era o que fazia, e que era coisa nenhuma. *... e ...*

— Emfim, lá lhe foi acudindo a musa, e por entre as anfractuósidades oratórias, como de um secretario d'Estado defendendo as verbas do orçamento que elle bem sabe que se comem, mas não sabe quem, nem para quê, lá foi conseguindo o digno magistrado fazer entender as turbas que ia descer abaixo, tomar informações, e que, se preciso fosse, iria ao paço. *... e ...*

— 'Pois abaixo, abaixo, e vamos!' respondeu a vozeria das turbas. *... e ...*

E os dous varões senatorios desceram as escadás de Martim Rodrigues com a mesma vontade e appetite com que subiriam as da força.

... chegou a janelle o honesto Martin...

colhidos de conselhos... outras muitas...
 e extraordinarias... se passavam...
 as representações da...
 tica a quem... para...
 a boa rainha D. Tereza...
 todo o tempo...
 local cidade...
 De...
 templo...
 andes; e os...
 primeiro...
 ria...
CAPITULO XVII.
 do dia...

— Se não... **OS CONEGOS.** —
 tanto... com...

EM quanto, desde a primeira manhã, se iam passando estas coisas juncto ao memoravel arco de Sanct' Anna, onde o forte braço popular se levantava em convulsiva energia, apezar da tibieza, da prudencia, ou da fraqueza dos seus magistrados e es-

collidos defensores... outras mui diversas e extraordinarias scenas se passavam entre os representantes da oligarchia ecclesiastica a quem, para salvação de sua alma, a boa rainha D. Tareja tinha intregue para todo o sempre a muito nobre e sempre leal cidade do Porto.

De uma das altas grimpas do antigo templo, o sino tocava priguçosamente a laudes; e os conegos, mal descançados do primeiro trabalho das matinas, que os havia despertado antes d'alva, acudiam mais priguçosamente ainda ás segundas preces do dia.

— 'Se não fosse o rabujento do ponteiro', dizia um conego moço com um bocejo que lhe abriu a bôcca até ás orelhas: 'má hora que eu viesse aqui hoje outra vez! E o nosso bispo a dormir regaladamente nas suas almofadas de pluma, em quanto a gente...'

— 'Deixae-o, deixae-o: não lhe quei-

raiz o descanso que elle hoje hade ter: tornava um pobre velho capitular que ia arrastando, com quanta pressa podia, o trambolho de uma perna rheumatica.

— ‘Pois quê! permittirá Deus emfim que alguma vez lhe cheguem os incommodos d’este mundo! Que sabeis vós d’elle, vós que tudo sabeis, arcediago Paio Guterres.’

— ‘Não sei nada, não sei nada, Affonso Peres. O que for soará, o que for soará. Vamos, que hoje é dia de San’Marcos, e o caminho da procissão tem de ser cumprido.’

— ‘Se virá o bispo á mais antiga e mais respeitavel festividade da nossa egreja?’

— ‘Pois não hade vir, homem? Dia de San’Marcos, do fundador d’esta nossa egreja Portugalense — que foi o sancto evangelista — deixae fallar de Basilio e Basileus, e da sua sé de Miragaia. Miragaia era um triste burgo, quando ja Gaia era

cidade romana, e n'ella foi nossa primeira sé. Por memoria d'isso já vamos hoje além do rio á capella do sancto onde essa era. Vêdes vós? E alli incensamos o bom povo da antiga Calle e lhe dizemos: 'Boa gente, boa gente!' —
— 'Assim será. Mas boa gente os de Gaia e Villanova que são os inimigos naturaes da nossa sancta sé, e nos ronbam meio rio pelo menos!'

— 'Deixae isso, deixae.' —
— 'Deixo, deixo; mais é heresia pensar o contrário. Lá estão as bullas no censual. Vamos adiante. Bem sei que homens sois, a indulgencia christan em pessoa, meu bom Paio Guterres. Mal vos escolheram para nosso vigario e penitenciario: sereis um passa-culpas!'

— 'Folguemos com o que é de folgar, mancebo! Dizei-me ca: se nos terão posto um jantar que se coma, a boa gente

da banda d'além, ou se teremos de ir es-
corregando por esse Codessal abaixo, pas-
sar o rio, visitar o bom San'Marcos em
jejum, cantar-lhe o *Boa gente, Boa gente*,
e se ainda em cima nos darão jantar de
azevias e caramujos os mestres barqueiros
de Gaia, que hão de guardar para si o sa-
vel, o capatão...

— 'Capazes são elles d'isso e de mais.
Não sabeis as figas que nos fazem os pes-
cadores da outra banda, que não são su-
jeitos ao foral da cidade? — Mas vêde lá:
no paço ainda tudo sechado!'

CAPITULO XIII

— 'Deixae o paço, homem, e vamos
á sacristia, que ja dão as últimas bada-
ladas do sino.'

E soavam comeffeito as últimas bada-
ladas n'aquelle don-don espirante e pro-
longado, que é como o derradeiro e mo-
ribundo arranco do bronze na agonia da
momentanea vida que lhe imprimiu o mo-
vimento.

cozinhos recordavam com o cheiro confus-

de bande d'istim, on se l'entend de si...
 corrigendo por esse Colossal abaixo, pas-
 sar a rio, visitar o bon San Marcos em
 jejum, cantar-lhe o bon gual, bon gual,
 e se ainda em cima nos darbo jactar de
 azoias e caranijos os moztos parpucies
 de (sai), que hade guardar para si o sa-
 vel, o capatão...
 — Capares são elles d'isso e de mais.
 Não sabeis as fizes que nos fazem os poe-
 cadores da outra banda, que não são su-
 jeitos ao toral da cidade? — Mas não há
 no paço ainda tudo fechado!
 — Deixar o paço bomem, e vamos
 à academia, que já são as últimas pás-
 sadas do anno...
 — E souzamos consollito as últimas pás-
 sadas n'aquelle bon-bon espirito e pro-
 longado, que é como o detachito e no-
 ribundo arranco do bronze na agonia da
 mortocancia e da que lhe impunem o no-
 vimento...

CAPÍTULO XIII.

FRADE E SOLDADO.

ERAM em verdade sette horas bem dadas, e não se ouvia, nem via rumor de vida na parte alta ou nobre dos paços da sé. Cavalheriços e estribeiros pençavam mul-las e ginetes no largo alpendre; as vastas cozinhas recendiam com o cheiro confor-

tativo da succulenta comezana que volteava no espeto, ou palpitava no fervedoiro das amplas marmitas. Mas nem Pero-Cão apparecêra ainda para fazer conduzir o substancial almôço ao refeitorio privado do pouco abstinente principe da egreja, nem antes d'isso se atreveria ninguem a servir no tinello commum o inferior, mas não menos substancial, alimento dos famulos e clerigos de seu estado.

Dous franciscanos chegavam á porta do palacio; um, gordo, anafado e vermelhão, com um sorriso malicioso e contente que lhe brincava nas roscas da barba e das bochechas; o outro, cabisbaixo e humilde, verdadeiro typo de leigarraz estúpido e servil: é Frei João da Arrifana e o seu companheiro. Desbarretaram-se moços e escudeiros ao válido e amigo íntimo do prelado.

— ‘A paz de Deus comvosco, rapazes! Já por aqui appareceu hoje Pero-Cão, o nosso digno mordomo?’

— 12 — Inda ninguem lhe viu hojõ a cara
bemditta, nosso padre: — O socinho es-
commungado !: emendou, á parte, o es-
tribeiro que respondêra.

— Fr. João impelliu, com o possantê gal-
gar das robustas pernas, a enôrme barriga
pela escada acima, aparentemente sem
grandê esforço nem tanceira. Era a mais
desimbaraçada e valente gordura que ainda
se desinvolveu debaixo do burel seraphi-
co: não havia alli banha nem toicinho;
era tudo musculo tuchado, de fevrã elas-
tica, potente e cheia de vida: ha gorduras
assim. Picheis da Bairrada e canastras de
Lamego tinham muita parte na construc-
ção d'aquella solidã e bem arcada máchina
que podia servir de modêllo ao Hercules
Farnesio.

Seguia-o a custo seu mais leve e des-
imbaraçado companheiro.

— Chegavam á antecamara, agora so e sem
mais habitantes que o nosso antigo conhe-

cido Rui-Vaz o archeiro. Este tinha ar-
rumado a ascuma a um canto, e passeava
a largas passadas deante da ponderosa e
repegada porta de castanho, murmurando
entre dentes o que mais tinha sabor e geito
de juras e imprecações que das rezas de-
votas da manhan.

Fr. João não ouviu, ou fez que não ou-
via, o praguejar do archeiro, e disse com
suavidade franciscana:

— ‘Paz seja n’esta casa, e a benção
de nosso padre San’Francisco a todos os
morantes n’ella... muito particularmente
ao nosso bom Rui-Vaz...’

— ‘Paz n’esta casa? Seja; e em quem
a póde ter aqui. Amen. Nanja eu; que
Satanaz seja á minha alma, se d’esta hora
ja me não vou d’aqui para onde nunca
mais me appareçam frades nem cleri-
gos, nem... nem o proprio Satanaz na fi-
gura d’elles. Amen, e reamen para sem-
pre!’

— ‘Que ruim bicho vos mordeu, Rui-Vaz? Maus trasgos ha n’esta sancta casa?’

— ‘Sancta!’

— ‘Ou duendes malignos que vos andaram de noite com a cabeça ás voltas? Precisais bento.’

— ‘Bento preciso; e a excommunhão levantada com boas varas de marmello e estolla preta... E agua da pia qu’o farte, ao dèmo que eu tenho em mim! Tenho, tenho!’

— ‘Abrenuncio, homem!’

— ‘Dizei, dizei; e vade retro: vai-te para as profundezas!.. a ver se me sai Belzebuth d’esta casa.’

— ‘Pois que succedeu, homem? Fallacja, que me tendes em susto.’

— ‘Em susto vós, mestre Fr. João!’

Elle pôde ser... Deus falle á minha alma!.. elle pôde ser que vós não saibais nem sejais parte nas malezas d'inferno que por aqui vão... Ah excommungado Pero-Cão! no focinho d'aquelle malditto allão negro anda a maldade toda: não duvido. Ora sabei, padre Fr. João, que eu bem n'ó suppunha, bem n'ó esperava; mas parecia-me impossivel, sempre me parecia impossivel que viesse a accontecer. Pois acconteceu... e foi ésta noite.'

O frade mudou de côr e de tom; e como homem que deseja e teme saber, mas quasi que sabe ja, a novidade que lhe vão dar, disse:

— 'Então o que succedeu ésta noite?'

— 'Que a trouxeram ahi em braços, prêsa e com mordaças na bôcca... Jesus, senhor Deus! e paraquê? a coitada não via nem sentia, vinha desmaiada dos tractos dos phariseus.'

— ‘Quaes phariseus, homem? Estais sonhando, Rui-Vaz.’

— ‘Phariseus! Mais phariseus que os dos fogareos na procissão de quinta feira maior. Oh sancto Christo! e lá a levaram a pobre da Anninhas...’

— ‘Anninhas!’

— ‘Sim, Anninhas, a mulber de Affonso de Campanhan, a Anninhas do arco de Sanct’Anna.’

— ‘Ah! prenderam ãa mulher, pelo que vejo. Ao aljube a levariam. Não admira: ha tantas mulheres más n’esta terra em dias de hoje...’

— ‘Má aquella, Mestre Fr. João? Tam boa fôra a minha alma! — Por não dizer a tua, frade malditto!’

A última parte da jaculatoria foi ditta em *áparte*, que, segundo é sabido e acceito,

fica em segredo entre o actor que o diz, e os espectadores que o ouvem; e não o póde ouvir ninguem mais que esteja em scena... tirado o ponto no seu buraco.

Fr. João respondeu pois á primeira parte da falla antecedente como bom actor que não ouviu o *áparte*, e conforme as leis scenicas:

— ‘Ora vamos ver o que isso é, Rui-Vaz. Deus o fara por melhor.’

— ‘E o diabo, cujo es, te ampare!’ disse o bom do archeiro nas costas do frade, que penetrou, sem mais cerimonia, nos secretos penetraes do Dalailama tripeiro.

em phras vulgar, e tornando as linhas
de salvação e de morte, e de vida e de
destruição. 2.
A
de
de
de
de
de

CAPITULO XIV.

O GABINETE DE S. EXCELLENCIA.

DEIXEMOS o honesto Rui-Vaz exhalar em inuteis imprecações a sua sancta cholera, e sigamos Padre Mestre Arrifana ao refeitório particular onde entrou; e d'ahi a outra camara, e outra, até chegar á propria porta do gabinete, que nós diremos

em phrase vulgar, e traduzindo na lingua corrente de hoje, o gabinete particular de S. Excellencia.

A um toque symbolico, e dado por mão de iniciado que penetra em recinto defeso a profanos, respondeu de dentro uma voz conhecida :

— ‘ Entrae, Fr. João, entrae.’

Fr. João entrou.

O bispo, em toda a majestade de seus habitos pontificios, estava deante d'elle.

Sôbre o longo manto de purpura, que arrastava no pavimento sua cauda immensa, assentava a murça d'arminhos quasi regaes. A cruz de pedraria resplandecente que lhe ornava o peito, as luyas bordadas, o anel brilhante, o barrete na mão, tudo indicava que o principe da egreja se preparava a ir apparecer como tal; em todas as pompas do solio, deante do seu povo.

Fr. João pasmava, e mirava o bispo dos pés á cabeça, como homem que lhe custa a crer o que ve, e se não atreve a dizer o que sente.

O prelado surriu com um ar digno e reservado:

— ‘Diriam que nunca nos vistes em nossos habitos episcopaes, Mestre Fr. João, ao espanto com que nos estais contemplando. E todavia, veneravel irmão, este é nosso mais proprio vestir, segundo a apostolica missão que temos do divino Pastor e de seu vigario na terra, por cuja mercê temos o baculo e o anel para reger e governar, não por investidura profana de nenhum poder secular que não reconhecêmos, e havemos por vasio e nenhum em quanto a nós e á nossa auctoridade é tocante.’

— ‘Certamente, certamente...’

— ‘E assim vamos hoje á nossa festa e ladainhas de San’ Marcos, e apparecere-

mos, na plenitude da suprema auctoridade ecclesiastica, ao nosso bom povo, que ha muito não ve o seu pastor revestido assim das insignias d'esta auctoridade que não tem superior na terra, se não é a sancta cadeira de Pedro em Roma, deante da qual nos inclinâmos, e a outro poder não...

Mal proferira o orgulhoso e ultramontano prelado estas últimas palavras, ouviu-se um confuso, mas tremendo som de muitos brados que estallou derepente, — e tornava, e recrescia, e se aproximava, e não parecia ja muito longe.

Era o poder popular que proclamava, na rua de Sanct'Annia, a sua curta sempre, mas sempre terrivel e incontrastavel investidura.

— 'Que será isto?..'

— 'Motim de povo?.. Não póde ser. Porquê?.. So se... Agora o saberemos, que sinto os passos de Pero-Cão. — Sahi

vós, André Furtado', e continuou o bispo para o camareiro que o vestira: 'deixae-nos em paz, que não preciso mais de vós aqui. Os archeiros que estejam promptos; e os famulos que vão avisar o nosso capitulo que nos venha buscar, segundo é teu ludo.'

Ficaram sos um momento o bispo e o frade; e os olhos com que se olharam, as perguntas e respostas que n'aquelle se olhar se deram e fizeram em menos d'um momento... não ha lingua que as descreva.

Pero-Cão entrou logo.

O terror, o susto, um reflexo das angustiadas desesperações do inferno, crispava medonhamente as ignobeis feições do almudeiro.

— 'O povo...' exclamou Pero-Cão...

'o povo!' 'Que tem o povo?'

— ‘Está... está levantado.’

— ‘Porquê? Que lhe fizeram? Al-
guma das vossas, Pero-Cão?’

— ‘Das minhas, senhor!’

— ‘Das vossas. Pois que outra cousa amotinaria este leal, paciente e bom povo da nossa cidade, se não for alguma vexação nova que lhe vós fizestes? Appertais de mais, muito de mais ás vezes, o torniqueto fiscal, meu pobre Pero. Os pescadores queixam-se, as regateiras ralham, até ja os flamengos furtam ao peso dos queijos com medo da portagem... Olhae, Pero-Cão, mugis-me muito a vacca, muito demais... e eu não quero sangue no tarro.’

— ‘Senhor, senhor!... Eu mujo a vacca... e os flamengos... E o tarro com sangue!... Sangue! E o meu sangue é o que elles querem, os desmandados, o ruim populacho que ahi se está a junctar mais basto do que bando de sardinhas em Ovar.’

Mas falle Deus á minha alma...mõu o diabo cuja ella é ja'gora... Dae-me perdão que não sei o que digo.

— 'Não sabeis, não.' —

— 'Não sei, não sei; é verdade: mas sei que não é a sisa nem a dizima, nem a portagem que amotinou ahi esse povo agora. É que souberam... é que adivinharam... ou o diabo, que me ajudou, lh'o disse...'

— 'O quê, Pero-Cão?' —

— 'O que eu fiz esta noite por vossa ordem.'

— 'Ah!' disse o bispo, e olhou para Fr. João, que se fez verde, vermelho, amarello, negro... um arco-iris vacillante e cambiante de todas as côres do medo.

Seguiu-se um silencio breye mas profundo.

o Um estampido de brados, mais feroz e mais perto já, detonou no ar como trovão de tempestade que se aproxima.

— ‘Onde está a malaventurada?’ balbuciou Fr. João: ‘Póde ser que ainda tenhamos tempo de...’

o O bispo revestiu-se d’uma gravidade tam serena que espantou e confundiu os seus tremulos agentes e conselheiros; e respondeu friamente:

— ‘A mulher que fizemos conduzir a noite passada ao nosso aljube, por boas e fundadas razões que para isso houvemos, veio ésta manhan a perguntas, e está na camara particular de nosso despacho. D’alli voltará para onde veio. Tomae as chaves, Fr. João, e tornae essa mulher ás inxovias, d’onde não sahirá senão quauda á nossa justiça prouver. Ireis pela passagem secreta.’

— ‘Justiça! Justiça! Justiça d’elrei D. Pedrol’

— ‘E a do povo!’

— ‘Morra Pero-Cão!’

— ‘Anninhas, Anninhas!’

— ‘Ao diabo portagens e portageiros!’

— ‘O nosso foral, o foral da sentença de San’Jorge!’

— ‘Que dizem elles?’

— ‘Bradam por...’

— Por elrei?... coitados!.. e por essa parvoa sentença que lá deram no mosteiro de San’Jorge e que meus antecessores tiveram a fraqueza de acceitar?... Ora pois: é um negocio de poucos maravediz que depressa se póde compor. Ide vós, Fr. João, e fazei como vos hei ditto. Pero-Cão, os meus archeiros, os meus clerigos. Que venham e me sigam: o reverendo cabido hade estar á porta.’

— H a do povo!

— Maria Faria-Costa

— Aninhada, Aninhada!

— No campo português e português!

— O nosso laral e laral da senhora.

— O meu laral

— Brabant por...

— Por que... contada...

partes seculares que se dizem no momento
de São João e das outras celebrações. O
tam a rapidez de receber... Ota pois:
é um tipo de honras maravilhosas que
depressa se pode contar. São João, Sr. João,
e laral como vos hei dito. Faria-Costa, os
meus amigos, os meus amigos. Que re-
stam e me dizem: e terra em todo o lado
está a porta.

segunda os cônegos; os archieiros cam-
-nhavam adiante. Assim desceram d'aves-
-nante a escada e pararam no vestibulo da
porta principal.

Um espartilho branco se offerecia
a' vista emquanto a vista em o peduço
luzo, ou branco, que se chama d'um lado
a' parte da cabeça se, a sua esquerda
os olhos se abrem, deante de cada um
as pedras de cor, e de cada um
depois d'isso como d'um lado, por
depois de se a' direita e a' esquerda

CAPITULO XV.

que se levava a' terra e a' terra e a' terra
-no ab, raxib, nissib, nissib, nissib, nissib
-nissib, nissib, nissib, nissib, nissib, nissib

ECCE SACERDOS MAGNUS.

O BISPO sahju: na immediata camara es-
tava a familia e sequito episcopal. O cau-
datario tomou a longa cauda de purpura
no braço; e o prelado marchou alto e di-
reito pela longa fieira de camaras e salões
da vasta residencia. Mudos e pasmados

seguiam os clérigos; os archeiros caminhavam adiante. Assim desceram gravemente a escada, e pararam no vestibulo da porta principal.

Um espectáculo grandioso se offerencia n'aquelle momento á vista em o pequeno largo, ou plaçuela, que fecham d'um lado o frontespicio da antiga sé, á sua esquerda os paços do bispo, defronte da cathedral as pequenas casas, occupadas provavelmente então, assim como hoje, por varios membros do seu clero, e á direita o elevado terrasso d'onde descem as escadarias que levam a San'Sebastião e a todo o segundo socalco, para assim dizer, da antiga e impinada cidade, cujas ruas e casas dirieis que se precipitaram desde o alto pinnaculo da sé até onde hoje é a porta Nobre e últimas abas do monte aopé do rio.

O espectáculo era verdadeiramente grandioso e magnífico, e digno dos pinceis de Claudio-Coelho ou de outro grande eternisador das fastuosas grandezas do culto.

À porta do bispo os archeiros, tendo tomado a dianteira do cortêjo, formavam duas alas cerradas que se estendiam n'uma curva quasi diagonal, e iam tocar nos degraus do adro da sé. O prelado, em toda a altivez e sumptuosa grandeza da purpura, a frente alta, a grande estatura direita, era rodeado de seus clerigos e ovençaes, de um immenso acompanhamento secular e ecclesiastico. Da egreja, ao som stridente e solemne do organ, salia o majestoso clamor da antiphona: *Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech*. E o cabido, presidido pelo deão com o bento hyssope na dextra, desfilava em longa e grave columna, com seus capellos roxos e mantos prêtos, arrastando as longas caudas pelas lages sepulchraes do adro.

O deão chegava aopó do bispo, e inclinava-se a beijar-lhe o anel antes de lhe intregar o hyssope, quando, pela pequena rua que vem dos antigos paços do concelho desimbocar defronte da porta principal da Sé, um tropel immenso de pas-

sos, de gritos, de tinar de armas, um estupendo *charivari* de caldeiras e de toda a sorte de vasos de arame, rebentou descompassadamente no pequeno largo... E logo um golpe de muitos centenares de homens do povo, de regateiras da Fóz, de padeiras d'Avintes e de Vallongo, correndo e vozeando com estupenda grita: — 'Justiça, justiça d'elrei D. Pedro!' — 'O nosso foral!... queremos o nosso foral! A sentença de San'Jorge!' — 'Anninhas, Anninhas!' — 'Morra Pero-Cão!'

Todos estes brados que aqui explicamos distinctamente, soavam confusos no ar, e tam implicados como, se é licita a expressão, as imaranhadas madeixas de uma trança de furia — como as diversas linguas de uma mesma flamma que só se farpam na extremidade, mas sobem em um corpo aos ares.

Os conegos recuaram em desordem; o deão largou o hyssopé bento no meio do chão... quiz erguer-se... cahiu de joelhos deante do bispo, e ficou, como um deus egypcio, sentado sôbre os proprios fallares; mas, em vez de collocar gravemente as mãos nos joelhos como o seu typo hyerogliphico, ficaram-lhe esbandalhadas para traz e pëndentes. Os archeiros desordenadamente romperam a fôrma; tal houve que largou a ascuma e fugiu para o sagrado da sé...

O bispo ficou impassivel, erecto, grande e quieto, no meio do alvôrôto e desmaio geral!

A torrente da plebe infurecida parou, involuntariamente respeitosa, deante d'aquella impassibilidade.

Fez-se um grande silencio.

Os populares olharam uns para os outros inquietos: a vista direita e segura do bispo fascinava-os. Foi um allivio verem

chegar os seus magistrados que, impellidos pela multidão, não tinham emfim remedio senão apparecer na presença do bispo.

— ‘Mestre Martim Rodrigues, Mestre Martim Rodrigues! o nosso juiz, o nosso juiz!’

— ‘Mestre Martim que falle por nós!’

Os dous edis portugallenses desbarretados, cossando a cabeça, mettendo as mãos pelo barrete e o barrete pelas mangas... e, olho no povo, olho no bispo, olho no chão, não sabiam o que fazer de si, muito menos o que dizer.

Estavam no que a moderna lingua de hoje diz — ‘uma falsa posição’; em que se não pôde estar muito tempo, e de que o mais acanhado e lerdo procura sahir quanto antes e seja como for, porque emfim não é posição em que se esteja.

Os padres conscriptos caminharam para

o prelado em passo desmanchado e lento: e, sem saber mais nem melhor que fazer, ajoelharam... O bispo estendeu tranquilamente a mão e offereceu o anel ao devoto ósculo municipal.

Todavia os órgãos legitimos da opinião popular não davam o mais leve ronquido... E não era falta de folle! assaz lhe tinha assoprado ás orelhas o bradar do povo justamente infurecido.

Um sorriso quasi imperceptivel mas de expressão immensa... vislumbrou rapidamente nas feições do altivo principe da igreja.

— ‘Erguei-vos!’ disse o bispo com affectada complacência, ‘erguei-vos, senhores juizes. O que quer, o que deseja ésta boagente em cujo nome me parece que vindes?’

— ‘Trazidos... obrigados por elles, senhor bispo’: accudiu anciosamente Mar-

tim Rodrigues, e repettiu Gilianês com
não menos ância.

— ‘ Bem, bem : para fallardes por elles
e procurar por suas coisas, vos nomeou e
elegeu este bom povo. É vossa obrigação
fazê-lo. Praz-me de os ver guardar e usar
tam bom termo. O que se pretende de
nós, é que quer o nosso povo, senhor juiz ?’

— ‘ Saberá vossa illustre reverencia que
este povo está... está amotinado...’

— ‘ Não vejo eu isso, homem. Antes
hêm pacíficos e quedos os vejo, aguardando
que ponhais vós por elles seu pleito, e ex-
ponhais o agravo... se é que o têm...’

— ‘ Senhor, começou isto com a iná-
vontade que lia na terra contra um offi-
cial vosso, senhor...’

— ‘ Pero-Cão ? Sei que agravou o povo.
Hade ser castigado: merece-o. Têm feito
demazias na portagem, e abusado de nossa

auctoridade, que é toda paternal; e menos de senhor para vassallos, que de pastor que somos e queremos ser para nossas ovelhas. Justiça será feita no villão.'

— 'Viva o nosso bispo!' gritou uma voz.

— 'Viva o nosso bispo!' responderam umas cem vozes talvez.

Mas um susurro duvidoso e dubitativo fez eccho a esta primeira expressão de *reiramento*. da reacção que, nas grandes crises, tantas vezes desanda de repente do climax da irritação popular para os mais oppostos e inesperaveis sentimentos.

O bispo continuou:

— 'D'isto ficae certos; e segurac-o, em nosso nome, a ésta boa gente. Mas, vêdes, o nosso capitulo espera: e temos de ir longe como sabeis, com as ladainhas, á egreja do evangelista. Voltac pela sésta,

e fallaremos. — Vamos, meus reverendos irmãos. Porteiro da maça, guiae o presbitero. Archeiros, fazei o vosso officio.

E o porteiro levantou a maça, e marchou; os archeiros, ja mais compostos, arredaram com tento a multidão, que cedeu sem violencia: e o bispo precedido do seu cabido caminhou a passo grave mas seguro para a porta da cathedral. Os sinos tangeram; o organ levantou a sua voz solemne... e as abobadas antigas do vasto templo ecchoaram de novo com o — *Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech.*

CAPITULO XVI.

AS LADAINHAS.

E o povo e a sua tremenda furia e o seu podèr irresistivel e formidavel?

Parécia ter-se evaporado tudo com a primeira e terrivel explosão de brados em que o tumulto se declarára. Ouvia-se ape-

nas um murmurar disperso aqui e alli por alguns grupos. No geral, uns pasmavam sem dizer nada, outros desciam surrateiramente pelas escadas de San'Sebastião, outros tomavam pelas portas lateraes para entrar na sé; o maior número estava immovel, sem acção; cahira n'aquelle estado paralytico que succede ás grandes irritações. Não se podia dizer dissipado, mas era quebrado o tumulto.

Derepente uma voz aguda e stridente rompeu da multidão:

— 'E Aminhas, Aminhas?'

Um rufar de caldeiras e de arames de toda a sorte, tim, tim, tim, respondeu com infernal dissonancia áquelle grito agudo: a assoada recobrou toda a vida febril e temulenta de sua primeira nascença.

Brados, huivos, imprecações, clamores e gritos espantosos deram se que o braço popular, intorpecido um momento pelo ma-

guetismo da auctoridade e sangue frio do bispo, tornava a levantar-se mais irritado e tremendo. **¶** Tudo isto foi obra de um instante. **¶** E o bispo, á lerta sempre e sem perder a compostura do ânimo e do corpo, viu o perigo em que estava, apressou o passo, deu ordens rapidamente aos seus, e entrou na igreja. Ao mesmo tempo as portas da sé e as do paço se fecharam sôbre o povo.

¶ Mestre Martim Rodrigues e seus dignos collegas tinham entrado com o prestito na igreja.

O povo ficou so, unico senhor e possuidor do pequeno largo da sé, e de o estrugir com seus clamores e berreiros á vontade.

O povo gritava e bradava, e fazia uma bulha insupportavel: o motim renascia e recrudesçia... derepente a janella de alta impena e vidros multicores que está sôbre

a porta principal, e olha, como em todas as cathedraes antigas, para o occidente, abriu-se de par em par: Martim Rodrigues e o seu collega, inflados, tremulos, os olhos esgaseados, appareceram no grande balcão de d'onde se publicavam e liam ao povo as bullas, indulgencias, excommunhões e todos os grandes actos do poder ecclesiastico e civil que na nossa terra do Porto era um e indistincto, como todos sabem.

— ‘Silencio!’ bradou uma voz sobre todas as outras d'entre a multidão, ‘Silencio! oiçamos o que diz o nosso juiz.’

Fez-se profundo silencio nas turbas.

O nobre orador, segundo hoje se chama ao maior villão ruim, e mais ludroso calçade-coiro que se atreve a abrir a bocca deante de gente, o nobre orador disse:

— ‘Meus bons amigos e honrados compatriotas:..’

— ‘Bom, bom! Isso é outro modo de fallar.’

— ‘Ah, ah! ja nos tractam de honrados...’

— ‘Silencio! Oçam.’

Tornou-se a fazer grande silencio.

— ‘Ouvi-me, bom povo, e sabereis grandes coisas, amigos. O nosso veneravel prelado e pastor, o nosso senhor e bispo...’

— ‘Barrabas, Barrabas!’

— ‘Não sou, meus amigos, não sou. Escutae-me.’

— ‘Pedras ao traidor! Acabemos com o Judas que nos vendeu!’

— ‘Ouvi-me, ouvi-me, por Deus que está no ceo, e ficareis satisfeitos.’

— ‘Oíçam, oíçam!’

— ‘O nosso bispo e o nosso cabido têm de ir hoje a San’ Marcos d’além do Douro.’

— ‘Não, não em quanto justiça não for feita.’

— ‘Não: San’ Marcos é pelo povo.’

— ‘Grande sancto San’ Marcos evangelista! Nós estamos pela lei de Deus; queremos que se cumpra a lei de Deus. E justiça d’elrei D. Pedro nos valha!.. Que antes San’ Marcos fique sem festa nem procissão, do que lh’a façam em peccado mortal esses Iscariotas.’

— ‘Justiça tereis, boa gente: ouvide. Pero-Cão!’

— ‘Inforcado Pero-Cão!’

— ‘Morra Pero-Cão!’

— ‘Morra, morra.’

— ‘Não morra: queremos comê-lo vivo.’

— ‘Vivo não: é muito duro.’

— ‘Assado e de molho de villão, o villão!.. como elrei comeu o coelho.’

— ‘O coelho que lhe matou a amiga.’

— ‘Dobra a lingua, bruto: a mulher.’

— ‘Pois a mulher: seja. Comtanto que o cão ya pelo caminho do coelho.’

— ‘O cão atraz do coelho, é razão natural.’

— ‘Ah! ah! ah! ah!’

— ‘Tem razão, bem ditto. Venha o cão, morra o cão!’

— ‘Morra Pero-Cão!’

— ‘Morra, morra.’

O aturdido orador no alto da sua tribuna imparvecia de susto e confusão. Deulhe ânimo o excesso do medo, e proseguiu todavia como agitado da mesma agitação que o rodeava:

— ‘Seja feito como quereis. Pero-Cão é um inredador, um tecedor. O nosso bom prelado o manda intregar nas vossas mãos para que façais n’elle segundo vossa vontade.’

— ‘Viva o nosso bispo, e morra Pero-Cão!’

Cutra vez se abrandava o tumulto; e outra vez surdiu, d’entre as turbas quasi aquietadas, a mesma voz stridente e magnetica:

— ‘E Anninhas, Anninhas!’

Começava-se a irritar de novo a sanha popular; Martim Rodrigues perdeu de todo a cabeça. Como homem que não sabe o que hade responder, e que ve todavia a necessidade de uma resposta peremptoria, olhava para todos os lados, ingullia em sêcco, fazia gesto de quem ia fallar... mas ficava.

Em que pararia esta pasmosa scena do povo portuense com o seu magistrado, não é possível imaginá-lo: grandes desgraças iam accontecer talvez se, aopé da rotunda e agora apatetada figura de Martim Rodrigues, não fosse visto apparecer no mesmo balcão o homem mais popular e o mais respeitado clerigo que havia na cidade por aquelles tempos. Era um ancião venerando, um d'aquelles raros homens que, no meio da maior corrupção, a Providencia conserva sempre no mundo para que se não apague nunca de todo na terra a crença na virtude e a fe no podêr do ceo. Paio Guterres, o arcediago de Oliveira, vigario e penitenciario do bispado, verdadeiro ministro do altar, devoto sem hypocrisia,

austero com suavidade, grave sem fasto, era honrado de todos; do proprio bispo que o detestava, do povo que o amava.

Apenas appareceu no balleão Paio Gu-
terres, foi saudado por uma acclamação
geral e entusiastica da multidão.

— 'Meus filhos, socegae, e ouvi-me.'

Não se ouvia o menor susurro. Elle
continuou:

— 'Aminhas, foi presa esta noite... a
minha ordem.'

Um rumor de espanto e de indizivel
assombro soou por toda aquella multidão.

— 'Sim, á minha ordem. Está accu-
sada de graves culpas... Deus permittirá
que falsamente.'

— 'Falso!... é falso. Aminhas é uma
sancta.'

— ‘É, é, uma sancta, Anninhas!’

— ‘Será: assim o espero. E hoje mesmo hade ser absolvida e posta em liberdade se assim for. Tende confiança em mim. Seu feito está em meu podêr; sou eu que o heide julgar. E eu... respondo da sua pessoa.’

— ‘Ah! então...’

— ‘Ide, meus filhos: socegae. São horas de sahir a nossa procissão. Mostrae-vos bons christãos e tementes a Deus; deixae-nos cumprir com os preceitos da igreja. Retirae-vos, meus filhos, com a benção de Deus.’

— ‘E a vossa. Queremos a vossa benção.’

— ‘Em nome do senhor de toda a justiça, do premiador e castigador eterno, do que julga os povos e os reis, do que morreu por todos nós, e não mais por uns do que por outros, meus filhos, eu vos abençoo: ide em paz.’

A fôrça de uma voz respeitada, no meio da effervescencia popular, é um dos continuos milagres que attestam o poder de Deus, e justificam da sua glória.

O tumulto socegou e dissipou-se.

D'alli a pouco, as portas da cathedral estavam abertas, e a procissão sahia gravemente, intoando as ladainhas e preces públicas. O bispo, em todo o esplendor da pompa catholica, seguia no coice da procissão. A mithra resplandecente carregava-lhe nas altivas rugas da testa; o braço parecia agitado de leve tremor quando se abordoava no baculo de oiro; mas o pé caminhava firme, e os olhos iam serenos no livro do cantor que o precedia.

Tomaram para a porta do Sol, desceram o ingreme Codeçal abaixo, e chegaram á escura margem do rio, cantando, rezando e invocando os martyres e os apóstolos, os confesores e as virgens que rogassem por nós!

Sancta visitat e sua pachtoria d'Almôda
 pontal. O código administrativo não he-
 lifica mais senão que Sancta Utra, e os
 espiritos fortes do concilio são iconoclastas
 decididos, que fazem guerra a todas as
 velhas superstições d'aquellas heretizadas
 e vergonhosas eras em que Portugal es-
 tava tam atrasado que apenas descobria a
 India, e se unia a civilização e Afri-
 ca, governa a America, escrevia as De-
 cretas de Barro, compunha as Laisdas do
 Camões, edificava o Estremoz, e fazia outras
 soez rinharias do mesmo jaco.

CAPITULO XVII.

Porto Portugal velho e velho que não
 tiphas agiotas nem torças do thesouro, nem
 honras pousas. **A PROCISSÃO** pousa, nem
 parças, nem pedreiros-livros, e era o es-

NESTES prosaicos e mingoados tempos em
 que nós vivêmos, sabe Deus o que lhe custa
 á excellentissima camara municipal de Lis-
 boa a ir a casa de Sanct'Antonio no seu
 dia, e á illustrissima camara municipal
 de Coimbra a ir pela festa da Rbinha-

Sancta visitar a sua padroeira d'além da ponte. O codigo administrativo não beatificou mais sanctos que Sancta Urna, e os espiritos-sortes do concelho são iconoclastas decididos, que fazem guerra a todas as velhas superstições d'aquellas desgraçadas e vergonhosas eras em que Portugal estava tam atrazado que apenas descubria a India, circumnavegava e civilizava a Africa, povoava a America, escrevia as Decadas de Barros, compunha os Lusíadas de Camões, edificava Belem, e fazia outras soezes ninharias do mesmo jaez.

Pobre Portugal velho e relho, que não tinhas agiotas nem lords do thesouro, nem pontes pensiz nem garantias pensiz, nem barões, nem pedreiros-livres, e eras o escarneo da Europa que hoje pasma de te ver correr como um caranguejo por essa estrada da civilização fóra!

Dancemos a polka e viva o progresso!

Inda assim: o progresso do nosso re-

gresso como diz aquelle grande e coruscante orador nosso, cuja eloquencia, de parenthesis seja ditto, tambem dança a polka.

Dançar, dançavam os conegos do Porto, ainda em tempo de minha lavó que o viu e m'o contava quando eu era pequeno: dançavam sim deante do altar de San'Gonsalo no seu dia. E era uma devóta dança hieratica, segundo agora se diz em grègo — que nós démos furiosamente em fallar grègo desde que o não sabemos. Quando mandavamos os Teives e os Gouveas ensiná-lo a Paris, fallavamos portuguez.

Pois dançavam, é certo, dançavam os conegos do Porto deante de San'Gonsalo de Amarante, e em trinta prestitos e procissões em que iam a muitos oragos e festas de varios sanctos e sanctas. E assim mesmo iam os outros cabidos e collegiadas do reino, que hoje nem ao côro vão; e mais, não têm nem sequer o codigo administrativo a que se apègar.

Entre as muitas festas processionaes da
nossa boa sé — me dizia um beneficiado
velho que andou commigo ao collo, e era
a mais sancta alma de beneficiado que
ainda houve — foi talvez a primeira a de
San' Marcos Evangelista que os de Gaia
ou Calle pretendiam ser o fundador da
sancta igreja portucallense, em opposição
aos de Miragaia que a queriam fundada por
San' Basileu na sua freguezia de San' Pedro
extra-muros. *os seus obargoes, boitardil
zella? mo: elnossasairu? zomob? adn sup —*
Ja na minha infancia porém, e quando
o meu velho beneficiado me inriquécia o
espírito e a memoria com estas tãto in-
teressantes e romanescas archeologias, ja
a procissão das ladainhas de San' Marcos
não passava de San' João-novo, e d'alli
d'aopé da ermida da Esperança é que
os conegos, incensando para Gaia, canta-
vam o 'Boa gente, boa gente!' antiphona
em vulgar de que nunca pude saber a ex-
plicação nem pelo meu beneficiado nem
por nenhum outro chronista oral ou escri-
pto, dos muitos que tenho consultado.

O caso é que a cerimonia ainda assim se practicava em nossos dias, e que em eras mais remotas a procissão passava, como a descrevi, d'allém do Douro, e ia á propria capellinha do sancto cujas ruinas ainda hoje estão a meia incosta das ribanceiras de Gaia.

E devia de ser razão bem ponderosa a que obrigava bispo e conegos, os senhores da terra do Porto, a passar o rio, e a visitar essa gente de Gaia e Villanova que lhes não obedeciam nem pagavam tributo, e que, fortes da protecção real, lhes faziam mil acintes com a sua pesca livre, o seu commercio franco, e até com o monopolio do sal que tantas vezes lhes dava elrei so para appouquentar os vassallos e homens do bispo, que eram todos os da cidade.

Fosse ella qual fosse a tal razão, e durasse a practica desde quando e até quando durasse, que o não sabemos ao certo; o certo é, e o sabemos, que ainda durava no tempo d'esta nossa historia, pois ahi

vai chegando á margem do rio a solemne procissão das ladainhas, e resoando pelos cavos alcantiz que lhe imparedam os precipitosos caudaes, o sublime e plangente responsar do côro:

Ut nos exaudias!

Te rogamus, audi nos!

Uma flotilha de saveiros com seus tol-dos imbandeirados e ornados de festões de flores, seus convezes juncados de espadanas, está prolongada com a praia, e recebe a procissão a seu bôrdo.

As ladainhas não pararam, o canto não cessou: accompanha-o agora o remar certo e compassado dos barqueiros cujas vozes, roucas mas afinadas, se junctavam também ao clamor geral do côro, e bradavam com elle:

Te rogamus, audi nos!

É impossivel imaginar spectaculo mais

solemne e grandioso; do que esse que então offerreçiam as aguas e as margens do Douro. Toda a divina põesia da religião e da natureza, todo o pictüresco dos costumes feudaes, toda a animação dos grandes ajuntamentos populares, se reuniam e se harmonizavam n'esse quadro.

Um sol de primavera batia á prumo sobre aguas, rochas e vérduras. O ar estava sereno e tepido, o ceo azul e transparente, a agua corria mansa; de um lado e outro do rio a população da cidade e da villa, prolongada pelos brancos areaes que se espelhavam com o sol, contemplava em religioso silencio a maritima procissão que, em longa diagonal, ia cruzando o rio quasi como se o descesse, pois é consideravel a distancia que vai d'onde hoje é a porta Nobre, em que imbarcára, até o desembarcadero de Gaia onde foi ter. Rio acima, as várzeas de Campanhan,

de Ramalde e de Avintes resplandeciam com as esmeraldas da joven primavera; para a banda da Foz os ceiceiracs de Val-d'Amores descahiam sôbre a agua como se ainda estivessem acoitando os traidores e vingativos barcos d'elrei Ramiro quando veio desde Galliza em busca da mulher que elle tinha o mouro, porque elle tinha a irman.

Esse Val-d'Amores, que depois foi Val-de-Piedade quando os Capuchos ahi fizeram seu convento e o beatificaram com o devoto nome que ainda tem — hoje... oh tristes, tristes tempos nossos! é Val de tanoeiros ou Val não sei de quê, porque lhe fizeram da egreja um armazem, e da cerca tam viçosa e tam fresca, algum mau campo de milho talvez.

Eu, ainda me lembra, e era bem pequeno, das tardes da trezena do sancto em que aquella linda cerca parecia o jardim de Kensington ou o das Tuilherias, de povoada que se fazia pelas mais bellas e ele-

gantes damas da cidade, por um concurso immenso de todas as classes e edades: n'aquelles treze dias o Val-de-Piedade tornava a ser o Val-d'Amores.

Seria o melhor passeio público que o Porto podia ter, e rivalizaria com os primeiros do mundo, se n'isso o tivessem convertido. Venderam tudo por não sei quantos mil reis, mas poucos — e em titulos azues, havia de ser.

Ex digito gigas: ninguem faz melhor a sua transição do antigo para o novo estado social, do que nós a fizemos. Juizo, gosto, proveito, tudo se junctou.

Tornemos á nossa historia.

A procissão cantava:

Exaudi nos, domine!

e os saveiros abicavam nas praias de Gaia. Desimbarcando e cantando proseguiam nas

ladainhas; e assim foram subindo até o principio da incosta que leva ao castello, e onde a egreja ou ermida do sancto era situada.

Todo o povo da villa e suas vizinhanças acompanhava, como em triumpho, e recebia quasi como homenagem á sua independencia, a visita do senhor bispo e do senhor cabido, tam senhores do outro lado do Douro; — alli hóspedes, respeitados sim por seu character sagrado de ecclesiasticos, mas sem auctoridade nem poder civil de nenhuma especie.

E comtudo ajoelhavam, e o bispo abençoava; e o clero proségua cantando e o povo respondendo aos versetos da ladainha... A religião do Crucificado é a religião da liberdade e da tolerancia, não faz partido com nenhuns odios e discórdias civis: os que dizem *racca* a seu irmão desobedeceem aos preceitos do Christo.

Via-se porêm nas physionomias dos Villanovezes não sei que expressão mais

altiva do que o costume, mais animada — ao que parecia — pela consciencia de sua liberdade e independencia. Olhavam para o bispo com certo ar, seguiam os conegos com tal desgarre, respondiam ás preces com uma voz tam segura e folgada, que um amigo de similhanças classicas não duvidaria compará-los aos jovens e altivos concidadãos do filho de Rhea-Sylvia recebendo nos infantos muros de Roma uma procissão de sacerdotes albanezes que lhe trouxesse, em vassallagem, e para futuro paladio de sua grandeza, a captiva imagem de Vesta que ja não tem que fazer em Alba-longa.

A clerezia do Porto eram os *albani patres*, Gaia affectava as suberbas de *alta moenia Romae*.

Perdoae-me porém, ó veneraveis irmãos românticos, perdoae-me, que eu prometto não tornar a fazer nem a mais leve allusão ás proscriptas reminiscencias do meu pobre velho Latim.

Mas havia sim, havia o que quer que fosse, extraordinario, que animava os independentes populares de Gaia e Villanova. Elles seguiam todavia quietos e devotos a procissão; e assim chegaram todos á capella do sancto onde entraram.

O bispo subiu ao seu throno; á volta d'elle, em círculo, os conegos; e logo começou a missa com que se ia concluir a festa e rogações d'aquelle dia.

Chegava ja a missa ao offertorio, e a congregação de joelhos e inclinada communicava devotamente no augusto mysterio do Sacrificio que nos regenerou e fez livres, quando um mancebo elegantemente vestido mas todo cuberto de pó, e affadigado ainda, ao que parecia, de caminhar longo e presuroso, entrava, com algum disfarce, na egreja. Deitou um relance de olhos prescrutador pela variada multidão que alli se junctára, e foi ajoelhar-se a um canto da egreja, detraz de dous homens de madura idade cujo modo e traje

os inculcava pertencentes a uma como meia gradação entre burguezes e homens da plebe.

É essa especie que os modernos Rabelais designam hoje pela tam characteristic denominação — *l'épicier*: especie rara d'antes, mas que actualmente constitue a maioria das grandes cidades, dos grandes foccos de população civilizada.

Molle como a sua manteiga, estúpido como os seus macarrões, pateota como os seus chouriços, e rançoso como o toicinho que vende, o mercieiro — *l'épicier* — é o typo d'essa bastarda aristocracia da plebe que se propagou e cresceu tam numerosa, e cuja missão politica é unicamente ingullir as petas de todas as proclamações; dar consummo ás sandices das gazetas dos governos, accreditar no 'systema que felizmente nos rege', e pôr luminarias nos dias de gala.

Quando eram poucos tinham a energia

e as grandes aspirações de todas as classes que precisam viver fortemente para viverem, porque se não fiam na bruta segurança do número.

O recémchegado ajoelhou, benzeu-se, e depois de breve oração, que provavelmente foi mental porque lhe não boliam os beiços, com a ponta da vara que trazia na mão, tocou levemente no hombro de um dos dous homens que lhe ficavam adiante. O homem voltou-se rapidamente, e encarando com o mancebo que assim o interpellava, exclamou em voz baixa:

— 'Oh! vós aqui!.. já?'

— 'Bem tarde me parece a mim. Vinde: saíamos para fóra, que temos que fallar.'

— 'Deixae acabar a missa.'

— 'Não: ja. Viva Deus! que entre a hostta e o caliz, na propria presença d'A-

quelle que está no altar, te quizerá eu dizer o que tenho a dizer-te... Mas não pôde ser : vem ?

— ‘Vamos. Meu irmão também?’

— ‘Teu irmão?... Eu sei? Não tenho fe em teu irmão. Elle não era?..’

— ‘Era sim; e eu também, por meus peccados, pouco melhor que elle. Accudiu-nos Deus a ambos. Agora podeis fallar deante d'elle como deante de mim.’

— ‘Pois que venha.’

Esta conversação breve, rapida, cochichada a ouvido e ouvido, não foi percebida de ninguem mais na igreja. Os dous populares e o joven cavalleiro sahiram, sem ser vistos, por uma porta lateral.

É tam fino e perspicaz o amavel leitor, que, estou certo, ja adivinhou quem era o mancebo...

— Era sim, senhor, era o nosso estudante, o nosso Vasco. Os dous populares é que não adivinhou seguramente quem seriam.

Tenha a bondade de ler o capitulo seguinte, e lá lh'o diremos.

... e a grande multidão de gente que se reunia
na praça e neste tempo de guerra...

... e a grande multidão de gente que se reunia
na praça e neste tempo de guerra...

... e a grande multidão de gente que se reunia
na praça e neste tempo de guerra...

CAPITULO XVIII.

... e a grande multidão de gente que se reunia
na praça e neste tempo de guerra...

COALLISÃO.

... e a grande multidão de gente que se reunia
na praça e neste tempo de guerra...

O MANCEBO caminhava silencioso adiante; no mesmo silencio o seguiam os dous companheiros. De rua em rua, se aquillo são ruas, — antes, de beco em beco, ou, mais exactamente, de socalco em socalco, iam saltando pelos informes gradins do

pouco esplendido amphitheatro em que se incastella o triste lugarejo de Gaia.

Chegavam aopé da romanesca fonte d'el-rei Ramiro que, em seu garrulo correr, vai ainda repettindo o palrear incessante da falladora Peronella, quando alli viuha do castello buscar agua para sua ama — e tardava, tardava, pela trella que dava, emquanto a infusa enchia e a senhora esperava... deixá-la esperar.

Passam essa fonte tam celebrada na tradição popular, passam a antiga casa que o povo appellida tambem 'paços d'elrei Ramiro', mas que visivelmente é uma construcção do décimo quarto seculo, e que talvez fosse n'aquelle tempo a residencia dos ciosos reis de Portugal quando alli viuham quasi occultamente — *afforrados*, diria um purista — conspirar com o povo contra os bispos seus senhores. Conspiração permanente por mais de quatro seculos que os reis foram dentagogs, porque precisavam do povo, para resistir primeiro,

para destruir depois, a aristocracia ecclesiastica e secular que tanto os pejava. **—** É comparativamente moderna a desintelligencia dos reis com os povos. Foi necessaria muita má fe, muita traição de coroados tribunos para desinganar o pobre do povo que tantos annos combateu por elles e quasi so para elles, cuidando que para si combatia.

— Depois da victoria, o leão fez a partilha do costume; e ainda encima pôs-se a devorar o sendeiro que o auxiliára...

Sendeiro que briga como um leão, mas que se deixa albardar depois como quem

— Vasco, o nosso estudante, pois não ha mister de mais mysterios — e perdoem-me o 'mister' que aqui veio mais pela graça da alitteração do que por outra coisa: tam safado e çafaró o trazem por ali os periodicos e os dramatisas, que nin-

guem ja pôde com elle! — Vasco, digo, o nosso estudante, tomou por uma estreita viella á esquerda da fonte; e, a poucos passos n'ella andados, entrou por uma porta baixa e aberta de que pendia tristemente o escuro e emblematico ramo de pinheiro.

Os outros dous entraram após elle.

Era uma taberna de pescadores e marujos. A taberna estava so, as estreitas e mal compostas mesas desertas. Sentaram-se os tres a uma d'ellas.

— 'Um pichel do melhor!' disse Vasco.

E uma velha, com mais traça de bruxa que de taberneira, ergueu, da baixa lareira onde estava acocorada, a mal-azada cabeça, e tornou logo a descalhir no que podia ser somno ou lethargo.

— 'Um pichel, bruxa excomungada! Não ouves?'

— ‘Bruxa, bruxa!.. Ja houve bruxas em Gaia, que era a terra d’ellas e sempre o foi. Hoje não ha bruxas que valham, onde estão benzedeiças e rezandeiras que todo lo levam e todo lo comem... Má eira as colha!.. Que bruxas? hum!’

Rosnando assim, vinha a bruxa, arrastando-se nos decrepitos tamancos (lea ‘soccos’ no mais alatinado dialecto portuense) e chegando aonde estavam sentados os tres, estacou derepente. Com olhos que não pareciam ja feitos para o ver da vista exterior, se pôs a contemplá-los n’uma attitude de indefinivel expressão.

Disseras de um cadaver que reconhece um vivo... de um esqueleto em cuja caveira se illuminasse derepente o vazio das orbitas descarnadas, para vos olhar e saúdar.

Os tres homens estavam fascinados: a velha parecia ter o podêr de fixar sobre todos tres ao mesmo tempo, e com egual

e não dividido alcance, aquelles olhos tam mortos... e tam vivos: pro sup, aiad: mo
mudiev sup zaxurd nil usu qoll: ad o
Um sorriso infernal correu mais para um lado, e sem as desfranzer, as asque-
rosas rugas d'aquella bocca summada; e a velha disse:

-28711, 22070 a 22111, 21122 obun: ad
— Com què são hoje as ladainhas de Marcos evangelista? Devem de ser. E bem as canta quem as canta. São os conegos na sé. Dizei-me vós a mim quem é.

-22 22111 20 207 0 2212 22121-22 22122
E riu-se, riu-se de bruxa: uma risada tossida e para dentro, d'estas que fazem arripiar e estremecer.

22122 22122 22122 22122 22122
D'ahi, com uma pieira rouca e des-
alinada, se pôs a cantar, ou antes, a re-
gougar estas trovias de má mente e mau
sconjuro, que lhe sahiam trepidando dos
beijos como espuma de feitiços que fer-
vem n'um lar malditto em caldeirão de
tres pés, manco, rachado e ao lume de
figueira verde: 22122 22122 22122 22122

O bispo com sua hispança,
Bem lhe praz fazer fulgança,
Mais os padres de Sancta Maria,
E mais a raposa que fia.

Bem fia a raposa, hem ella fiava,
Rezava a Senhora, rezava e cantava :
Cahiu a raposa no laço que armava.

Foi o rapozinho
Que aventou o ninho.

Entraram os lobos . . . elles hãode entrar . . .

Oh, se hãode entrar !

E o bispo, a raposa e o seu rapozinho,

Tudo hade dançar.

Dançar, dançar, meu San'Gosalinho!

Bebei do meu vinho.

E com uns saltos tropegos, como de
dança de intrevados, a velha bailava em ca-
dencia com o seu arripiado cantar. Parou
derepente, fitou os olhos no mancebo, e,
soltando uma longa gargalhada infernal,
virou-lhe as costas. Arrastando, arrastan-
do, foi huscar um bom pichel de mais de
canada, incheu-o de vinho, e voltou a pôr-
lh'o sobre a mesa.

Os tres pasmavam e não diziam palavra, ainda fascinados do extranho olhar, do mais extranho cantar, e das arrastadas evoluções da dança da bruxa.

Ella tornou para o seu canto na lareira, acocorou-se, e descahiu à cabeça no mesmo lethargo ou somnolencia de que tam extraordinariamente despertára.

— ‘A que má cova de Satanaz nos trouxestes, mancebo?’ disse um dos tres por fim: ‘Peçonha tera este vinho, por mais que me digam.’

— ‘Tem, tem, e da peor, que é verde como agraço, o cão:’ respondeu Vasco depois de vasar a meio um d’aquelles immensos copos minhotos que fariam espanto e metteriam respeito até lá mesma bibula progenie britannica. E continuou logo: ‘Como um cão, o malditto! E para quem está costumado a fazer penitencia no tinello de certo prelado apostolico...’

— ‘À porta Sancta de Roma farei eu penitencia sette annos... sette annos e um dia bem contados, se com tal me perdoasse Deus o mal-amassado pão que lá comi, o agro vinho que lá bebi, o proprio ar impestado que lá respirei...’

— ‘Não haveis mister de ir a Roma, que perto tendes a absolvição. Ésta noite resgatareis a alma se quizerdes.’

— ‘Ésta noite?’

— ‘Sim. As ordens que trago são para que ésta noite se levante tudo, e acabemos por uma vez com a insupportavel tyrannia que nos opprime e nos deshonra. Elrei está em... Podêmos fallar seguramente aqui?’

— ‘Se não receiais da bruxa ou de alguem mais que por ahi esteja, ca por nós dous...’

— ‘Teu irmão largou com-effeito o serviço do diabo e do almudeiro?’



— ‘O almudeiro não, não o largou de todo’ respondeu o terceiro interlocutor que atealli estivera em profundo silencio: ‘não o largou de todo, não, que ainda tem de ajustar com elle um resto de contas. O almudeiro almuda bem, mas precisa afferido. E hade ser pela minha mão: não cedo esse incargo a ninguem.’

— ‘Bem está. Pois agora sabei ambos... mas que se não diga por emquanto na cidade... sabeí que elrei veio afforrado ao mosteiro de Grijó, que ahi está desde esta madrugada, e d’ahi sahirá á bôcca da noite para entrar no Porto sem ser visto. É preciso que nós seguremos as portas com tempo, e primeiro que tudo a sé, que é o mais forte de toda a cidade. De que animo está o povo?’

— ‘De se pagar por suas mãos, que é o unico pagamento seguro que tem.’

— ‘E que farão os nossos juizes e veadores?’



o — ‘ O costume : dar vivas a quem ven-

cer. — ‘ Estareis vós de vigia no paço ésta

noite, Rui-Vaz? ’

— ‘ Por quem me tomais vós, senhor

Vasco? Eu era homem do bispo, servia-o

com lealdade: pezava-me na consciencia,

é certo, mas servia-o, porque se e leal-

dade estão primeiro que tudo... Desde

hoje não sou homem seu, nem como seu

pão, nem bebo seu vinho; posso fazer-lhe

guerra por conta d’elrei, e do povo cujo

sou, e por minha conta tambem, e mais...

mais de uma outra pessoa, senhor Vasco...

— ‘ Fallastes com Gertrudes, vós? Fal-

lastes com ella, Rui, meu amigo? ’

— ‘ Fallei sim: e não ha fallar com

aquelle anjo que se a gente não sinta virar

para melhor, como de dentro para fóra.

Aqui tendes a meu irmão Garci-Vaz que

ella converteu tambem. ’

— ‘A ti! pois tambem a ti!’ disse o estudante voltando-se para o ex-portageiro... ex-cabo-de-policia traduziriamos hoje... Esperemos em Deus, para salvação da sua alma e bom fim da nossa historia, que a verdadeira traducção seja — ex-tractante.

— ‘A mim, sim senhor,’ respondeu elle: ‘a mim, que de a ouvir fallar ao povo com aquelle innocentinho nos braços... o filho da pobre Anninhas que eu ajudei a... E o mais culpado de todos fui eu, porque ja o coração me dizia que o era antes de fazer o que fiz. Era, era. O coração bem me dizia que, em vez de dar a Pero-Cão a gazua que lhe forjei para elle abrir a porta, com ésta choupa lhe devia eu ter aberto a barriga a elle... sahisse o que sahisse... que não havia de sahir coisa boa. Mas é verdade que de a ouvir fallar ao povo com aquelle innocente nos braços, e dizer-lhe o que lhe ella disse, toda ésta alma se me voltou; jurei por quantas juras ha, más e boas, que o mal

que lhe eu fiz, alguém m'o havia de pagar.'

— 'Pois bem, homem! agora o mal está feito, e o que devemos tractar é do remedio. Paio Guterres é certo que respondeu de Anninhas?'

— 'Certo: ouvi-lh'o dizer eu deante do povo todo; e d'ahi seguros estamos que lhe não póde succeder nenhum mal. Mas...'

— 'Mas,' interrompeu Garci-Vaz, 'tambem o bispo prometteu que nos entregava Pero-Cão para o inforcarmos, e elle ainda está dentro do paço, rindo e zombando dos gritos do povo... que por fim é povo, não sabe senão gritar.'

Vasco ficou pensativo e abstracto, sem dar attenção ao que diziam os dois irmãos, que continuaram a conversar entre si pelo mesmo teor. Elle permanecia como fechado dentro de suas meditações.

— Passado algum tempo, levantou-se da mesa derepente e disse:

— ‘Parti ja: quero as portas da cidade seguras. A sé fica por minha conta.’

— ‘Vós, Vasco!... vós, senhor, fareis essa... essa?..’

— ‘Essa *traição*: é o que queres dizer. Farei. E sei o que faço.’

— ‘Não sabeis, não, mancebo. Oh senhor Vasco, eu péza-me na consciência... É verdade que jurei não vo’-lo dizer; mas agora, mas n’esta *ocasião*...’

— ‘Não vos péze, nem péze nada, amigo. Sei tudo, e sei o que faço, sôbre tudo. Parti ja ambos sem mais detença. E o povo que não assocegue, nem durmã no seu caso. Povo que dorme, tyrannia que desperta. Elrei é por nós, mas não basta: os grandes não são pelos pequenos senão em quanto os pequenos podem. Adeus!’

Parti ja. Eu não tardo no mesmo caminho. . . .

— ‘E essa velha que ahi está e que nos ouviu talvez?..’

— ‘A velha?.. Ésta velha que cuida que é bruxa? Deixae-a por minha conta, que a conheço d’ha muito, e sei... que nenhum perigo corrêmos com ella. Ide, n’hora boa, ide ja, ide.’

O ex-archeiro e o ex-portageiro sahiram emfim.

Mas Rui, o nosso antigo amigo, tornou logo atraz, como apertado de um escrúpulo interior que não podia vencer, e baixo ao ouvido de Vasco, lhe disse:

— ‘Lembraís-vos do que hontem á noite vos disse n’aquella negra sala d’armas do paço?’

— ‘Lembro, sim.’

— ‘Sabeis, Vasco, filho, mancebo?... O bispo... bom bispo não é elle... mas sabeis vós tudo... tudo o que lhe deveis?’

— ‘Ide em paz, honrado homem; ide e deixae-me, que tudo sei.’

— ‘E apezar d’isso?..’

— ‘E apezar d’isso, e por isso mesmo... Deus será juiz entre nós, Rui-Vaz. Ide, que se faz tarde.’

O archeiro encarou o mancebo como quem lhe queria ler a alma no semblante. Vasco surriu com um sorriso mysterioso e descorado que se não deixou interpretar.

— ‘Adeus!’ disse o homem do povo: ‘senhores lá o sabem e o intendem. Tendes sangue e criação para tudo, mancebo. Mas olhae que o que Deus mandou, mandou-o para todos.’

— ‘Assim é, meu amigo: e a Sua vontade seja feita sobre tudo!’

Vasco já não ouviu éstas últimas palavras: passeava a largas passadas no chão desigual e humido da taberna, que não era senão terra batida. Rui-Vaz sahio sem o elle ver, nem interromper seu distrahido e agitado passeio.

As puas verdes e resinosas das folhas de pinheiro que juncavam o chão, rangiam melancholicamente debaixo dos pés do mancebo; e por alguns minutos não se ouviu n’aquella desolada estancia mais som que este triste som. Via-se, nas expressivas e caracterizadas feições do joven, que o seu espirito e o seu coração luctavam alguma lucta tremenda; mas tudo se passava lá dentro, não veio nem um suspiro á flor dos labios.

Que tempo sería, não sei; mas foi muito tempo que se passou assim.

Derepente Vasco foi-se á porta da rua, fechou-a, e levantando a tranca enorme que atraz lhe jazia, atravessou-a e firmou-a nos grosseiros incaixes que para isso estavam esburacados nos informes alizares de bruto granito. D'ahi, ás apalpellas, porque a casa ficou quasi ás escuras, caminhou para a larga e infumada lareira onde ardia um resto de tronção de pinheiro, e de d'onde agora saíam, mais do que elle, os olhos da velha que parecia ter acordado de seu habitual lethargo.

Os olhos da velha luziam, luziam como carvões accesos... o mancebo caminhava lento mas certo para aquella luz terrível... a velha ergueu-se em pé, direita, alta e forte, como se o asqueroso sapo que ainda agora se arrastava disforme pelo torpe lodo d'aquelle chão, subitamente se transformasse n'um dos genios maus da miraculosa lampada de Aladin.

NOTAS.

NOTAS.

NOTAS.

Refectorio dos Grillos.... pag. 26.

No memoravel dia 9 de Julho de 1832 em que o exercito Libertador entrou no Porto, foi destinado o convento dos Grillos, vulgarmente ditto 'o Collegio', para quartel do Corpo academico; e ahi permaneceu muito tempo. Ahi foi começado e muito adiantado este escripto.

José U... arco de Sanct'Anna.... pag. 28 e seg.

É historico o figurão, historico o monumento, a festa, e a anecdota que aqui se refere. Não ha talvez no Porto homem ou mulher de trinta annos para cima que o não testemunhe de vista e ouvida.

Veneranda estátua do velho Porto.... pag. 37.

Talvez não exista ja hoje esse precioso monumento que eu conheci muito bem na minha infancia, e admirei muitas vezes, sarapintado, como no texto se descreve, de óca e vermelhão. Demorava por uma d'aquellas ruas estreitas d'aopé da Sé, e estava rodeado de açougues, onde se vendia muita tripa assoprada e por assoprar. O que aquella tosca estátua era, não sei: o povo chamava-lhe *o Porto velho*; e eu tenho mais fe no livro da tradição popular que em todos os livros de chronistas, archeologos, e seus commentadores quantos ha.



Almudeiro do bispo... pag. 81.

Era cargo notavel e indispensavel na organizaçõ
financeira que os bispos, señõres feudacs do Porto,
tinham dado ao paiz de sua jurisdicção espirital e
temporal. O nome designa sufficientemente a natu-
reza do cargo, e o seu mister na percepção do im-
posto sôbre o vinho e outros liquidos. *Vej. Flor. Es-
paña sagr.*

obsueto! *Hocem, quasi parlamentar. ... pag. 90.*

Esta e outras varias allusões a coisas parlamentares
e simlhantes, não é provavel que estivessem no texto
da primitiva composiçõ d'esta obra: talvez se in-
troduziram nas cópias ultimamente feitas, por abe-
lhudice dos amanuenses. O certo é que se não po-
diam agora tirar sem grande trabalho, e porventura
desconçerto e menos perspicuidade para o stylo. Fa-
çam de conta que é uma edição 'ad usum delphini'
em que, por ingano do compositor, se misturou com
o velho texto classico alguma nota hodierna e macar-
ronica.

Phariseus dos foguetos ... pag. 143.

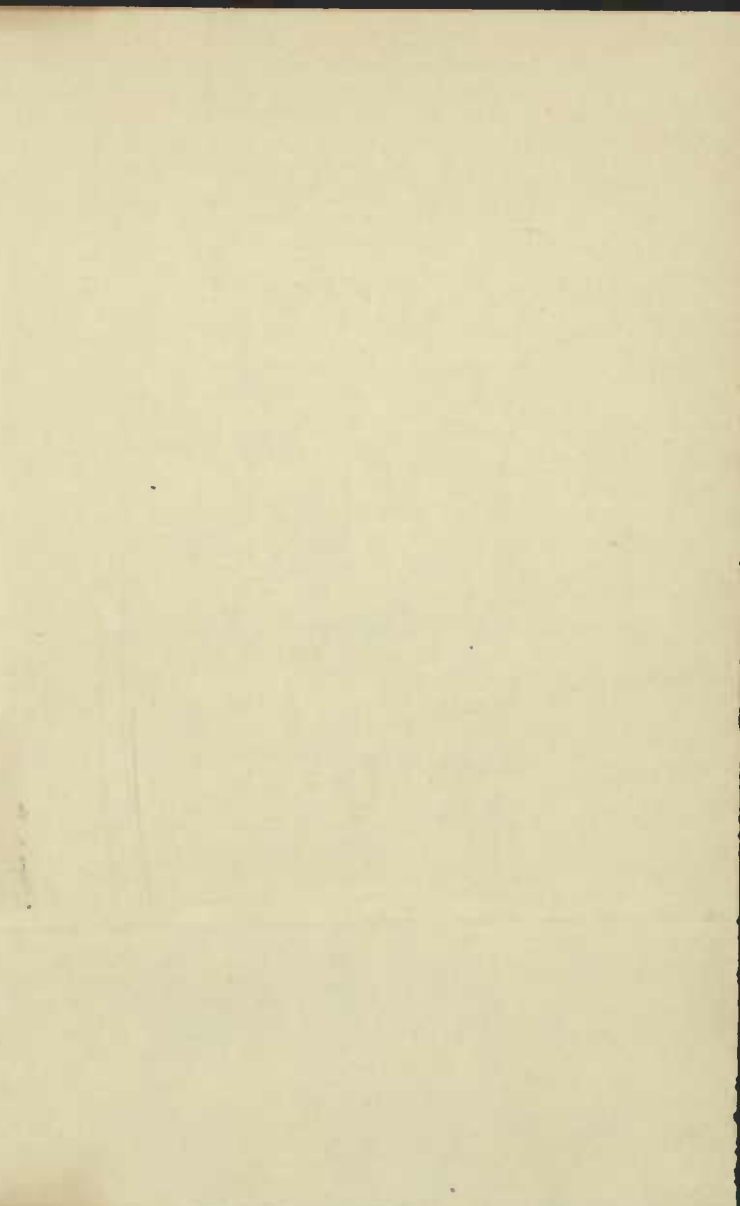
Eram os carneiros, mester havido por vil, os que
representavam os phariseus — na lingua do povo, a
ralé judaica excitada contra o Salvador — na celebre
procissão nocturna que sahia na noite de Quinta feira
sancta e ia da Misericordia até à Sé, visitando as
egrejas todas em que havia indoenças.

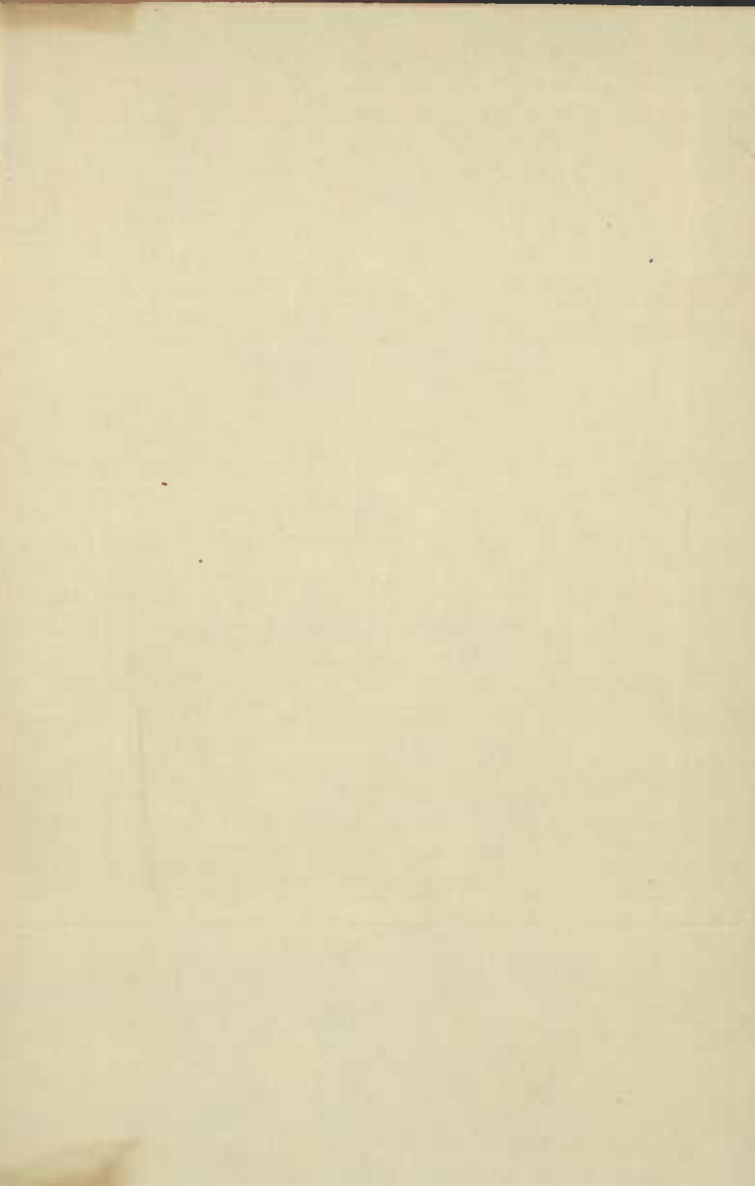
As outras particularidades e allusões a creanças e
usos locais do Porto julgam-se bastantemente expli-
cadas no texto mesmo da obra.

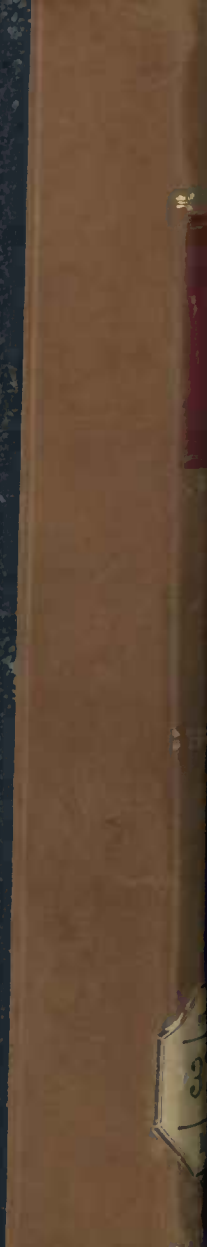


INDICE.

	Pag.
Ao LEITOR (prologo).....	v.
DEDICATORIA	xxi.
CAPITULO I.— O arco da Sancta	25.
” II.— A conversa das vizinhas	34.
” III.— O senhor estudante.....	51.
” IV.— Os paços do bispo	61.
” V.— Vasco.....	67.
” VI.— Palestra de moral	71.
” VII.— O alazão.....	85.
” VIII.— Parlamento, discussão	91.
” IX.— Motim e assoada	101.
” X.— Os legitimos representantes ..	113.
” XI.— Votos, votos!	125.
” XII.— Os conegos	131.
” XIII.— Frade e soldado.	137.
” XIV.— O gabinete de S. Excellencia	145.
” XV.— Ecce sacerdos magnus	155.
” XVI.— As ladainhas	165.
” XVII.— A procissão	177.
” XVIII.— Coallisaõ	193.
NOTAS.....	213.







3